

*I Seminário do Grupo de Pesquisa
CCO - Conectivos e Conexão de Orações*



*Caderno de
Programação e Resumos*

UFF - Universidade Federal Fluminense
Niterói, 8 a 10 de novembro de 2016



COMISSÃO ORGANIZADORA

Docentes

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário - UFF (*líder*)
Prof. Dr^a Ana Cláudia Machado Teixeira - UFF (*vice-líder*)
Prof. Dr. Monclar Guimarães Lopes - UFF
Prof. Dr^a Milena Torres de Aguiar – UERJ/FFP
Prof^a Dr^a Ana Beatriz Arena – UERJ/FFP

Discentes

Brenda da Silva Souza
Daniele Cristina Campos
Elen da Paixão Garin Borges
Fabiana Felix Duarte Moreira
Flavia Rodrigues de Figueiredo
Idrissa Ribeiro Novo
Jaqueline Cristina Rocha Marcondes Azevedo
Jovana Mauricio Acosta
Maria Margarida Simões
Marianna Correa Siqueira do Nascimento
Myllena Paiva Pinto
Nice da Silva Ramos
Norma Vieira da Cunha
Robson Borges Rua
Samara Costa Moura
Sheila de Castro Noronha Silva
Thaís Pedretti Lofeudo Marinho Fernandes
Tharlles Lopes Gervasio
Vânia Rosana Mattos Sambrana
Viviane Corrêa de Souza

Apresentação

É com grande satisfação e alegria que o Grupo de Pesquisa *Conectivos e Conexão de Orações (CCO)*, com sede na Universidade Federal Fluminense, organiza o seu primeiro seminário.

Fundado em 15 de setembro de 2015 e certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o CCO desponta no cenário acadêmico brasileiro como um locus privilegiado para a investigação de um ponto específico da morfossintaxe do português: o papel e o uso dos conectivos, bem como os diferentes processos de conexão de orações, tanto canônicos quanto não-canônicos.

O CCO é marcado fortemente pela tradição funcionalista, filiando-se mais modernamente à perspectiva teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Entretanto, nesta primeira edição de nosso seminário, optamos por uma proposta de interlocução com outras vertentes teórico-metodológicas e, em virtude disso, optamos por contemplar, com maior visibilidade, três grandes áreas: os estudos histórico-gramaticais, as teorias do discurso e o campo da análise funcional baseada na língua em uso.

Para nossa alegria, o I Seminário do CCO congrega renomados pesquisadores de todas as regiões do Brasil, tanto nas mesas redondas quanto nos minicursos e nas comunicações individuais. Esse fato revela o forte interesse pelo tema dos conectivos e da conexão de orações, que finalmente encontrou seu espaço e pretende fixar-se cada vez mais no cenário acadêmico nacional.

Neste caderno, é possível encontrar a programação do evento, bem como os resumos de todos os trabalhos submetidos à análise da comissão organizadora. Esperamos que todos os participantes possam, na “cidade sorriso” de Niterói, ter a oportunidade de compartilhar saberes e angariar novos conhecimentos.

Sejam todos bem-vindos à UFF! Sejam todos bem-vindos ao CCO!

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário
Líder do Grupo de Pesquisa
CCO - Conectivos e Conexão de Orações

Programação Geral

08 de novembro de 2016 – 3ª feira

8:00 às 9:00	Entrega de materiais	Hall do Bloco B – Térreo
09:00 às 10:30	<p>Abertura oficial do evento</p> <p>Conferência de abertura</p> <p>A construção de locuções conjuntivas nas zonas de causalidade, condicionalidade e concessividade</p> <p><i>Profª Drª Maria Helena de Moura Neves (UNESP Araraquara / UPM)</i></p>	<p>Auditório Macunaíma</p> <p>(Sala 405 B – 4º andar do Bloco B)</p>
10:30 às 11:00	Café/Intervalo	4º andar do Bloco B
11:00 às 12:30	<p>Mesa 1 – Conexão de orações na perspectiva discursiva</p> <p>* Conectivos de oposição: reflexões e propostas para o ensino de coesão e coerência - <i>Profª Drª Aparecida Lino Pauliukonis (UFRJ)</i></p> <p>* As conjunções alternativas na conexão frásica e interfrásica: visão discursiva - <i>Profª Drª Rosane Monnerat (UFF)</i></p>	<p>Auditório Macunaíma</p> <p>(Sala 405 B – 4º andar do Bloco B)</p>
12:30 às 14:00	Almoço	-
14:00 às 16:00	<p>Minicursos – parte 1</p> <p>Minicurso 1: Uma visão da gramática na articulação textual-discursiva <i>Profª Drª Maria Helena de Moura Neves (UNESP – Araraquara / UPM)</i></p> <p>Minicurso 2: Conectores do português–seu emprego no texto: implicações semântico-discursivas <i>Profª Drª Rosane Monnerat (UFF)</i></p> <p>Minicurso 3: Integração de orações na abordagem funcionalista – para além da sintaxe <i>Profª Drª Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)</i></p>	<p>Minicurso 1 218C</p> <p>Minicurso 2 501C</p> <p>Minicurso 3 505C</p>
16:00 às 17:00	Café com pôster	Hall do Bloco B – 4º andar
17:00 às 18:30	1ª Sessão de Comunicações	Vide pág. 19

09 de novembro de 2016 – 4ª feira

8:00 às 9:00	Entrega de materiais	Hall do Bloco B – Térreo
09:00 às 10:30	<p align="center">Mesa 2 – Conexão de orações na perspectiva funcionalista</p> <p>* Construções introduzidas por enquanto: um caso de mudança construcional? <i>Profª Drª Maria Luiza Braga (UFRJ) e Profª Drª Maria da Conceição Paiva (UFRJ)</i></p> <p>* A construção subjetiva <i>Profª Drª Nilza Barrozo Dias (UFF)</i></p>	<p>Auditório Macunaíma</p> <p>(Sala 405 B – 4º andar do Bloco B)</p>
10:30 às 11:00	Café/Intervalo	4º andar do Bloco B
11:00 às 12:30	2ª Sessão de Comunicações	Vide pág. 32
12:30 às 14:00	Almoço	-
14:00 às 16:00	<p align="center">Minicursos – parte 2</p> <p>Minicurso 1: Uma visão da gramática na articulação textual-discursiva <i>Profª Drª Maria Helena de Moura Neves (UNESP – Araraquara / UPM)</i></p> <p>Minicurso 2: Conectores do português–seu emprego no texto: implicações semântico-discursivas <i>Profª Drª Rosane Monnerat (UFF)</i></p> <p>Minicurso 3: Integração de orações na abordagem funcionalista – para além da sintaxe <i>Profª Drª Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)</i></p>	<p>Minicurso 1 218C</p> <p>Minicurso 2 501C</p> <p>Minicurso 3 505C</p>
16:00 às 17:30	<p align="center">Mesa 3 – Conectivos – Pesquisas baseadas no uso</p> <p>* Perspectivização espacial na formação de conectores do português <i>Profª Drª Mariangela Rios de Oliveira (UFF)</i></p> <p>* Construcionalização de conectivos concessivos no português. <i>Profª Drª Maria Maura Cezario (UFRJ)</i></p>	<p>Auditório Macunaíma</p> <p>(Sala 405 B – 4º andar do Bloco B)</p>
17:30 às 18:30	3ª Sessão de Comunicações	Vide pág. 43

10 de novembro de 2016 – 5ª feira

8:00 às 9:00	Entrega de materiais	Hall do Bloco B – Térreo
09:00 às 10:30	<p align="center">Mesa 4 – Conexão de orações em perspectiva histórico-gramatical</p> <p>* Causa, efeito, finalidade: notas sobre fronteiras conceituais e expressão conectiva <i>Prof. Dr. José Carlos de Azeredo (UERJ)</i></p> <p>* Descrição dos conectivos nas gramáticas brasileiras do século XIX <i>Prof. Dr. Ricardo Cavaliere (UFF)</i></p>	<p align="center">Auditório Macunaíma</p> <p align="center">(Sala 405 B – 4º andar do Bloco B)</p>
10:30 às 11:00	Café/Intervalo	4º andar do Bloco B
11:00 às 12:30	4ª Sessão de Comunicações	Vide pág. 51
12:30 às 14:00	Almoço	-
14:00 às 16:00	<p align="center">Minicursos – parte 3</p> <p>Minicurso 1: Uma visão da gramática na articulação textual-discursiva <i>Profª Drª Maria Helena de Moura Neves (UNESP – Araraquara / UPM)</i></p> <p>Minicurso 2: Conectores do português–seu emprego no texto: implicações semântico-discursivas <i>Profª Drª Rosane Monnerat (UFF)</i></p> <p>Minicurso 3: Integração de orações na abordagem funcionalista – para além da sintaxe <i>Profª Drª Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)</i></p>	<p align="center">Minicurso 1 218C</p> <p align="center">Minicurso 2 501C</p> <p align="center">Minicurso 3 505C</p>
16:00 às 17:00	Coquetel de encerramento com lançamento de livros	<p align="center">Auditório Macunaíma</p> <p align="center">(Sala 405 B – 4º andar do Bloco B)</p>

1ª sessão de comunicações individuais

08 de novembro – terça-feira – 17:00 às 18:30

Sala	Mediador	Título do trabalho	Autores
Sala 405B	Prof ^a Dr ^a Jussara Abraçado (UFF)	Aspectos de uso e de mudança na história de <i>como</i>	<i>Luana Cardiga Bianchi</i>
		Conexão de orações: um estudo de interface sintático-discursiva	<i>Amanda Heiderich Marchon</i>
		A construção “não só... mas também”: uma análise baseada na Linguística Cognitiva	<i>Tharlles Lopes Gervasio</i>
Sala 218C	Prof ^a Dr ^a Beatriz Feres (UFF)	Operadores argumentativos na escola: propostas de análise linguística para o desenvolvimento da leitura crítica	<i>Pedro Lucas Castro</i>
		Os modalizadores discursivos nos gêneros acadêmicos: índices de orientação argumentativa	<i>Erivaldo Pereira do Nascimento</i>
		As conjunções <i>pois</i> e <i>porque</i> sob uma abordagem semântico-argumentativa	<i>Ânderson Rodrigues Marins</i>
Sala 212C	Prof ^a Dr ^a Priscilla Mouta (UFRJ)	A constituição do funcionamento juntivo de <i>agora</i> : uma análise diacrônica	<i>Luísa Ferrari</i>
		Usos do conector <i>exceto</i> sob a perspectiva da LFCU	<i>Fabiana Felix Duarte Moreira</i>
		A partícula <i>enfim</i> e seus usos funcionais	<i>Jaqueline C. R. Marcondes Azevedo</i>
Sala 501C	Prof ^a Dr ^a Márcia Machado (UFRJ)	A cristalização do SN “o seguinte”	<i>Fernanda Abreu e Silva Alencar</i>
		<i>Justaposição</i> : uma análise discursivo-funcional no gênero <i>propaganda</i>	<i>Adriana Cristina Lopes Gonçalves & Gustavo Benevenuti Machado</i>
		Relativas apositivas “desgarradas”: estudo atitudinal	<i>Karen Pereira Fernandes de Souza</i>
Sala 505C	Prof. Dr. Marcos Wiedemer (FFP-UERJ)	Gramaticalização de conectores causais no português arcaico	<i>Fabrcio da Silva Amorim</i>
		Conjunções subordinativas na fala espontânea do português brasileiro entre sintaxe e articulação informacional	<i>Giulia Bossaglia & Heliana Mello</i>
		A articulação de cláusulas em cartas do século XX	<i>Rachel de Carvalho P. E. Silvestre</i>

2ª sessão de comunicações individuais

09 de novembro – quarta-feira – 11:00 às 12:30

Sala	Mediador	Título do trabalho	Autores
Sala 405B	Prof ^a Dr ^a Mariangela Rios de Oliveira (UFF)	A multifuncionalidade dos conectores opositivos em textos orais: subjetividade e intersubjetividade?	<i>Camilo Rosa Silva</i>
		Gramaticalização: um estudo do verbo <i>andar</i>	<i>Malvina Maria de Oliveira</i>
		Marcas de subjetividade em construções condicionais introduzidas por “caso”	<i>Camila Fernandes da Silva</i>
Sala 218C	Prof ^a Dr ^a Beatriz Feres (UFF)	Sequências textuais e modalizadores na leitura do gênero conto de terror	<i>José Ricardo Carvalho</i>
		Coesão: o uso dos operadores argumentativos como direcionadores discursivos	<i>Patrick de Oliveira Barros</i>
		Aspectos polissêmicos do conectivo <i>mas</i> em textos discentes da 3ª série do Ensino Médio	<i>Antonio Vianez da Costa</i>
Sala 212C	Prof ^a Dr ^a Priscilla Mouta (UFRJ)	Esquematicidade do complexo oracional subjetivo sob uma perspectiva construcional	<i>Marcela Zambolim de Moura & Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda</i>
		As etapas do processo de mudança linguística nas expressões “desculpa aí” e “desculpa lá”	<i>Érica do Socorro Barbosa Reis</i>
		O estudo da volição no verbo latino <i>quaero</i>	<i>Fernanda Cunha Sousa</i>
Sala 505C	Prof. Dr. Marcos Wiedemer (FFP- UERJ)	A construção <i>quer dizer</i> no português brasileiro, europeu e africano: tendências intralinguísticas de gramaticalização?	<i>Cristina dos Santos Carvalho</i>
		<i>Assim</i> como marcador de citação no discurso direto	<i>Hella Olbertz</i>
		As facetas conectivas de “mesmo” em amostra escrita	<i>Ivelã Pereira</i>

3ª sessão de comunicações individuais

09 de novembro – quarta-feira – 17:30 às 18:30

Sala	Mediador	Título do trabalho	Autores
Sala 405B	Prof ^a Dr ^a Maria Maura Cezario (UFRJ)	Contínuo semântico-pragmático em orações hipotáticas com <i>desde que</i> no Português do Brasil	<i>Ingridy Inara Perico</i>
		A ordem de cláusulas hipotáticas adverbiais temporais no espanhol mexicano oral e suas motivações discursivas, semânticas e sociais	<i>Sávio André de Souza Cavalcante</i>
Sala 212C	Prof. Dr. Vinícius Oliveira (UERJ-FFP)	Construções conformativas oracionais: uma análise centrada no uso	<i>Myllena Paiva Pinto de Oliveira</i>
		Correlação proporcional na perspectiva da linguística funcional centrada no uso	<i>Tháís Pedretti Lofeudo Marinho Fernandes</i>
Sala 218C	Prof ^a Dr ^a Patrícia Neves (UFF)	Desenvolvimento das capacidades linguístico-discursivas em uma sequência didática para o ensino do artigo de opinião	<i>Tânia Cristina Apolinário Santos</i>
		A competência IV em textos produzidos por estudantes de Ensino Médio	<i>Cleuza Cecato</i>
Sala 501C	Prof ^a Dr ^a Karen Alonso (UFRJ)	Abordagem sistêmico-funcional da junção em textos acadêmicos	<i>Wellington Vieira Mendes</i>
		O fenômeno da futuridade no Português do Brasil: a diferença de significado entre as formas de expressão de futuro sob a ótica de um conceptualizador	<i>Robson Borges Rua</i>
Sala 505C	Prof. Dr. Marcos Wiedemer (FFP-UERJ)	Conexão de orações paratáticas em Libras: em busca de adequação descritiva	<i>Jair Barbosa da Silva & João Paulo Ampessan</i>
		Análise funcionalista das cláusulas comparativas em manuais de PL2E	<i>Luiz Herculano de Sousa Guilherme</i>

4ª sessão de comunicações individuais

10 de novembro – quinta-feira – 11:00 às 12:30

Sala	Mediador	Título do trabalho	Autores
Sala 212C	Prof. Dr. Vinícius Oliveira (UERJ-FFP)	De tempo a contraste: gramaticalização de <i>(no) entanto</i>	<i>Priscila Thaiss da Conceição de Medeiros</i>
		O conectivo “que” no português popular de Tejucupapo – PE	<i>Emanuel Cordeiro da Silva & Cleber Alves de Ataíde</i>
		Os conectivos e as circunstâncias segundo Othon M. Garcia	<i>André Nemi Conforte</i>
Sala 405B	Profª Drª Nilza Barrozo (UFF)	Circunstância temporal codificada por justaposição e por hipotaxe em romances de folheto de Leandro Gomes de Barros	<i>Marcelo da Silva Amorim & Aline Priscilla de Albuquerque Braga</i>
		As construções correlativas com “ <i>se... verbo ser + porque</i> ” sob uma perspectiva funcionalista	<i>Renata Margarido</i>
		Análise funcional dos conectivos <i>em vez de</i> e <i>ao invés de</i> no português brasileiro contemporâneo	<i>Idrissa Ribeiro Novo</i>
Sala 501C	Profª Drª Karen Alonso (UFRJ)	Análise funcional das construções comparativas em língua portuguesa	<i>Elen da Paixão Garin Borges</i>
		Articulação sintática e informacional das cláusulas relativas na fala espontânea do Português do Brasil	<i>Cryсна Bonjardim da Silva Carmo</i>
		Cláusulas hipotáticas em português e <i>desgarramento</i>	<i>Violeta Virginia Rodrigues & Aline Ponciano Silvestre</i>
Sala 505C	Prof. Dr. Marcos Wiedemer (FFP-UERJ)	Estruturas desgarradas em redações escolares	<i>Ana Carolina Mrad de Moura Valente</i>
		A hipotaxe adverbial: configurações não prototípicas e desafios para o ensino	<i>Ana Lima</i>
		A abordagem sobre adverbiais modalizadores em livros didáticos de ensino médio	<i>Dennis da Silva Castanheira</i>
Sala 218C	Profª Drª Patrícia Neves (UFF)	A articulação de orações por meio de mecanismos de contraexpectativa em crônicas de Rubem Braga	<i>Camila de Oliveira Groppo Lourenço Lima</i>
		Uma abordagem semiolinguística do comportamento do conectivo “e” na construção da argumentação	<i>Anabel Medeiros Azerêdo de Paula & Rafael Guimarães Nogueira</i>

MINICURSO 1 – Sala 218C

Uma visão da gramática na articulação textual-discursiva
Prof^a Dr^a. Maria Helena de Moura Neves

Ementa: Analisa-se a natureza de uma gramática de usos do português, considerando-se que a sistematização gramatical deve ter abrigo em uma explanação especializada sobre produção de sentido e de efeitos na interação. Prevê-se uma descrição que não se falseie por ignorância de complicadores como as inter-relações, as interfaces, as pressões e os condicionamentos que obrigam a uma aceitação do caráter dinâmico da língua. O foco do tratamento é a conexão de orações.

Programa

1. Ponto de partida

Na opção por uma gramática de usos, a missão do gramático é oferecer aos consulentes uma abertura para reflexão sobre a língua em função.

2. Desenvolvimento

2.1 A proposta de “lições” de gramática a partir da observação dos usos.

- 1) A consciência dos meios de produzir linguagem.
- 2) A implicação das categorizações e das de funções.
- 4) A importância da visão da gramática na organização discursivo-textual.
- 5) O mecanismo e o modo de expressão da junção na oração complexa.

2.2 A organização e a orientação geral.

- 1) A integração de componentes.
- 2) Classes e funções.
- 3) O processo de junção no texto.
- 4) Conexão de orações e conectivos.

3. Bibliografia

- NEVES, M.H.M. *A gramática revelada em textos*. São Paulo: Ed. UNESP, no prelo.
NEVES, M.H.M. *A gramática passada a limpo*. São Paulo: Parábola, 2012.
NEVES, M.H.M. *Ensino de língua e vivência da linguagem*. São Paulo: Contexto, 2010.
NEVES, M.H.M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011 [2000].

MINICURSO 2 – Sala 501C

Conectores do português – seu emprego no texto: implicações semântico-discursivas
Prof^a Dr^a. Rosane Santos Mauro Monnerat

Ementa: Análise de alguns conectivos sob enfoque semântico-discursivo-pragmático. A Macrossintaxe Argumentativa de Ducrot: a diferença entre operadores lógicos e operadores argumentativos. A contraexpectativa. As relações lógico-semânticas de Patrick Charaudeau: conjunção, disjunção, restrição, oposição e causalidade: efeitos contextuais e deslizamentos de sentido. A causalidade em sentido amplo e em sentido restrito. O período hipotético. Graus de vinculação de condicionais. Relações textualizadoras. Funções discursivas dos conectores. Mecanismos de articulação de orações no texto. Conexão como processo de coesão textual conceitual-cognitiva. Análise de textos.

Referências:

- CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.
- ADAM, Jean Michel. “Énonciation et textualité; les connecteurs: l’argumentation dans le texte”. In: *Cahiers du Département des Langues et des Sciences du Langage*. DLSL., n^o4, 1987, Université de Lausanne.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii. *Gramática da língua portuguesa*. 3^aed., Lisboa, Editorial Camino, 1989
- SWEETSER, Eve E. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação – um estudo das conjunções do português*. Campinas: Pontes, 1987.

Referências complementares:

- ANSCOMBRE, J. C. & DICROT, O. *L’argumentation dans la langue*. Bruxelas: Mardaga, 1983.
- AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique française*. A. Francke S. A., Berne, 1944.
- DUCROT, O. *Dizer-não dizer, princípios de semântica lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- . *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes, 1987.
- KOCH, I.V. A articulação entre orações no texto. In: *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, (28) 9-18, Jan./Jun., 1995.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Subsídios para o estudo da partícula “e” em algumas construções da língua portuguesa*. Tese apresentada à Universidade Federal Fluminense em prova de habilitação à Livre-Docência, Rio de Janeiro, 1975 (mimeo).
- PERINI, M. P. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Atica, 1995.
- QUIRK, Randolph et alii. *A comprehensive grammar of the English language*. London: Longman, 1985.
- SCHNEDECKER, Catherine. “Quand il faut faire des concessions: quelques suggestions pour une didactique de la concession”. *Pratiques*. Metz, 75: 76-110, set., 1992.

MINICURSO 3 – Sala 505C

Integração de orações na abordagem funcionalista – para além da sintaxe
Prof^a Dr^a Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

Ementa: Reflexões teóricas sobre integração de orações – abordagem tradicional versus abordagem funcionalista. Hipotaxe, subordinação, correlação e coordenação. Abordagem funcionalista: subordinação versus hipotaxe. Relações hipotáticas no português. O fenômeno do “desgarramento” em cláusulas hipotáticas. Uso(s) de articuladores sintáticos no PB. O processo de gramaticalização de algumas conjunções e posições.

Bibliografia básica:

- ABREU, Antônio Suárez. Coordenação e Subordinação – uma proposta de descrição gramatical. *ALFA – Revista de Linguística*, São Paulo, v. 41, Fundação Editora da UNESP, 1997. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4009/3679>
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- DECAT, Maria Beatriz N. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas/SP, Pontes. 2011.
- HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Gramaticalization across clauses. In: *Gramaticalization*. CUP, Cambridge, 1993. cap. 7.
- KATO, Mary A. & NASCIMENTO, Milton do. *Gramática do português falado culto no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra A. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN; THOMPSON (Ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988.
- OTHERO, Gabriel de Ávila & KENEDY, Eduardo (orgs.). *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.
- OITICICA, José. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1952.
- RODRIGUES, Violeta Virginia. Em foco a correlação. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 16, Dezembro 2014. Disponível em <http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>
- & GONÇALVES, Adriana Cristina Lopes. Comprova, levou? Justaposição: procedimento sintático comum em propagandas. *Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC- RS*. Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 409-421, julho-dezembro 2015. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/>
- & SILVESTRE, Aline Ponciano. O ‘Desgarramento’ de cláusulas comparativas e a interface sintaxe-prosódia. In: XXV Jornada Nacional do GELNE, 2014, Natal – RN. *Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE*. Campus Lagoa Nova – Natal – RN: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – EDUFRN, 2014. v. 1. p. 1-11.

**ANÁLISE FUNCIONAL DAS CONSTRUÇÕES SUBSTITUTIVAS
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

*Daniele Cristina Campos
danielecampos@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense (UFF)*

O objetivo inicial desta pesquisa é examinar o processo de relação sintático-semântica das construções substitutivas no português brasileiro (PB), instanciadas pelos seguintes padrões sintáticos: não -x mas sim -y; não -x e sim -y; não -x mas -y; nunca -x mas sim -y; jamais -x mas sim -y. Desse modo, consideramos que o presente trabalho representa uma importante contribuição à descrição do PB, na medida em que analisa construções ainda não abordadas na literatura vigente. Vale ressaltar que, além de apresentarem elevada frequência de uso, as construções substitutivas têm sua convencionalidade atestada pelo amplo emprego em textos de modalidade escrita na variedade padrão do idioma. Ao analisar e descrever tais estruturas oracionais, identificamos que elas não se encaixam nas categorias de coordenação e subordinação, dois únicos processos de integração de orações descritos na teoria da gramática padrão, como podemos atestar em Bechara (2009), Cunha e Cintra (1985) e Rocha Lima (1972). Sendo assim, partimos para a teoria da correlação de Oiticica (1945;1952) e de trabalhos em abordagem funcionalista que tratem da correlação – como Castilho (2014), Duarte (2013), Rosário (2012) e Violeta (2013), uma vez que as construções substitutivas não se caracterizam apenas pela presença de um único conector como elo entre duas orações, mas, principalmente, de um par correlativo que pode ser dividido em prótase (elemento negativo) e apódose (conector de valor adversativo, seguido ou não de partícula de reforço). Para a realização da análise das estruturas oracionais, objetos de investigação deste trabalho, tomamos como *corpora* 100 dados coletados do sítio Folha de São Paulo, do gênero notícia jornalística, na modalidade escrita padrão em norma culta do português brasileiro.

**AS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS HIPOTÉTICAS INTRODUZIDAS POR
COMO SE SOB A PERSPECTIVA FUNCIONAL**

*Samara Costa Moura
Costamoura91@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)*

Este trabalho busca analisar, sob o viés da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a multifuncionalidade do conectivo “como se” no Português Brasileiro (PB), especificamente, na língua falada – momento em que a língua se concretiza com a influência de fatores externos ao sistema linguístico. O tratamento dado pela gramática às orações comparativas não é suficiente para explicar os fenômenos presentes no uso real e concreto da língua. Veja-se como exemplo a oração em análise que, para a maioria dos gramáticos, parece sofrer um desdobramento em duas orações: sendo a primeira comparativa e a segunda condicional: O velho fidalgo *estremeceu como estremeceria se acordasse* sobressaltado. (Bechara, 1999, p. 361) Por outro lado, há gramáticos que consideram o conectivo “como se” um conglomerado comparativo-hipotético: O velho fidalgo *estremeceu como se acordasse* sobressaltado. (Rocha Lima, 2011, p.350). Para este trabalho, propomo-nos a analisar as construções comparativas hipotéticas através da abordagem Linguística Funcionalista Centrada no Uso (LFCU), para a qual a motivação dos fatos da língua é característica fundamental para a investigação linguística. Analisar a ocorrência do conectivo “como se” em situações reais de uso da língua falada, com base no Corpus do Português, disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>. Verificar a multifuncionalidade sintática e semântica do conectivo em estudo, considerando as suas implicações no contexto interacional. A escolha da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) para este trabalho justifica-se pelo fato de considerarmos como base de dados a língua em uso, e não a língua como um sistema virtual, previsível. A análise dos dados será feita com base no Corpus do Português, disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>. No decorrer da pesquisa piloto, observaram-se as seguintes estruturas apresentadas pelo conectivo “como se”: (1) Então, tenho um compromisso muito maior. Não posso pensar Fortaleza hoje como se fosse há seis anos. Fortaleza cresceu porque os investimentos estão vindo de fora. (2) Mas acho que se vem atribuindo muita coisa à globalização, como se ela fosse uma espécie de serva de um poder invisível, do qual não se fala. Isso explica a posição fatalista que está embrenhada em certo tipo de ideologia dominante. No exemplo (1), podemos fazer a seguinte análise: o falante compara a cidade de Fortaleza da atualidade com a cidade de Fortaleza de há seis anos. Logo no período seguinte, ele reforça a ideia de que hoje em dia a cidade cresceu muito em relação ao passado, o que nos revela que o conectivo “como se” pode aparecer em uma construção referida a fato existente, visto que o falante compara duas situações vividas por ele, o que refuta uma das análises feitas pela gramática tradicional. No exemplo (2), o falante faz uma comparação hipotética em relação à globalização, uma vez que ele compara um termo abstrato (globalização) com a ideia de servidão de um poder do qual não se fala, não se conhece. Nesse caso, vemos que o conectivo “como se” pode aparecer em construção referida a fato inexistente, já que não se pode comparar, de fato, a globalização como serva de um poder invisível. Portanto, nessa primeira etapa, evidenciamos a multifuncionalidade do conectivo “como se”, que, como visto nos exemplos, ora aparece em construção referida a fato existente, ora aparece em construção tendendo ao processo de abstratização, já que expande seu sentido base de comparação. A partir dos resultados iniciais, busca-se contribuir com os estudos na área da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), de maneira que professores e/ou estudiosos da língua possam repensar os conceitos de construções comparativas difundidos nas gramáticas normativas.

AS CONSTRUÇÕES SUBJETIVAS

Ana Beatriz Firmino de Moura
anabmoura@yahoo.com.br
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Joanna Fernanda Oliveira da Silva
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Luciana Oliveira Farina
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Este trabalho aborda as construções subjetivas no português do Brasil, numa abordagem centrada no uso, de base funcionalista e com contribuições da semântica cognitiva. As construções subjetivas são constituídas de oração matriz mais oração com função de sujeito. Embora haja a expressão do sujeito oracional, podemos perceber que a unipessoalização da estrutura predicadora (ou oração matriz), geralmente em 3ª pessoa do singular, imprime um valor semântico impessoal à construção subjetiva. As matrizes selecionados são “*é + bom, é fácil e é necessário*”, que apresentam adjetivos avaliativos e modalizador deôntico. Verifica-se a manifestação da (inter)subjetividade na expressão da avaliação e da modalidade bem como na ordem em que as orações ocorrem, preferencialmente com a anteposição da oração matriz. Deveremos também discutir como a construção subjetiva é usada para contrastar informação com o contexto discursivo. O material analisado faz parte do projeto PHPB, <https://sites.google.com/site/corporaphpb>, e do acervo da ALERJ. <http://cmrj2.camara.rj.gov.br/>

CONECTORES COORDENATIVOS NA FALA ESPONTÂNEA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO BASEADO NO *CORPUS C-ORAL-BRASIL*

Bárbara Magalhães Figueiredo
barbaramagalhaesf@gmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Este trabalho é fundamentado na *Language into Act Theory* (L-Act; CRESTI, 2000; RASO, 2012; MONEGLIA; RASO, 2014) e analisa a coordenação oracional na fala espontânea do Português Brasileiro (PB), com base no *corpus C-ORAL-BRASIL* (RASO; MELLO, 2012). A L-Act estuda a fala espontânea com foco em sua dimensão prosódica e individualiza a unidade de referência da fala no enunciado, a menor unidade linguística prosódica e pragmaticamente autônoma. Os enunciados podem ser: (i) simples, formados por uma única unidade informacional, a de Comentário (COM), responsável por carregar a força ilocucionária sem a qual o enunciado não possuiria autonomia pragmática); ou (ii) complexos, formados pela unidade de COM mais uma

ou mais unidades informacionais de outro tipo. Para essa teoria, a sintaxe da fala está ligada à dimensão da articulação do fluxo da fala em unidades informacionais internas ao enunciado, caracterizadas por perfis prosódicos e funções comunicativas próprias. A L-Act distingue entre sintaxe *linearizada*, estruturas de subordinação/coordenação próprias, realizadas dentro da mesma unidade informacional, e *padronizada*, estruturas de subordinação e coordenação realizadas em mais de uma unidade informacional, sendo a relação entre tais unidades de tipo pragmático, ligado às funções comunicativas das unidades informacionais, já não sintático. Mapear as orações coordenadas, fazendo uma análise qualitativa com foco em tipo e frequência das conjunções coordenativas e distinção entre sintaxe linearizada e padronizada; descrever a coordenação oracional na fala em oposição à escrita; analisar os padrões das unidades informacionais envolvidas na coordenação padronizada, bem como as tipologias interacionais em que os enunciados estavam inseridos, podendo ser interações de monólogo, diálogo e conversação. O C-ORAL-BRASIL foi construído com base nos pressupostos da L-Act e é um *corpus* de fala espontânea do português brasileiro, da diatopia de Belo Horizonte e região metropolitana. Para os objetivos deste trabalho foi utilizado o *minicorpus de PB falado* retirado do C-ORAL-BRASIL, disponível na plataforma DB-IPIC (<http://lablita.dit.unifi.it/app/dbipic/index.php>), que é constituído de 20 textos, 200.000 palavras e 34.000 enunciados, é anotado informacionalmente e permite o acesso aos áudios de cada enunciado. Através da plataforma DB-IPIC, buscou-se pelas conjunções coordenativas no *minicorpus*, com a intenção de filtrar apenas as ocorrências de coordenação oracional. Para cada conjunção, separaram-se as instâncias de coordenação linearizada e padronizada, sendo analisados e identificados os diferentes padrões informacionais, de acordo com sua tipologia e frequência. Por fim, identificou-se as tipologias interacionais em que estavam envolvidas as coordenadas. Do total de 825 enunciados contendo conjunções coordenativas, apenas 212 (26%) apresentam instâncias de coordenação oracional, sendo que: a conjunção aditiva *e* (79%, 168 ocorrências), e a conjunção adversativa *mas* (16%, 34 ocorrências) sobressaem, e as demais tradicionalmente listadas nas gramáticas, salvo a conjunção *ou* com 5% (10 ocorrências), não são usadas para coordenação oracional na fala. Observou-se a prevalência da padronização nas ocorrências de cada uma das conjunções coordenativas: *e* 71% (120 ocorrências); *mas* 94% (32 ocorrências); *ou* 100% (10 ocorrências). Em contraparte, a linearização teve uma proporção menor para cada conjunção: *e* 29% (48 ocorrências); *mas* (apenas 2 ocorrências); não se acharam ocorrências de linearização com a conjunção *ou*. Quanto às as unidades informacionais envolvidas no processo de padronização, são diversos os padrões expressos nas ocorrências, somando um total de 28 combinações diferentes. O mais produtivo dos padrões é representado por combinações de Comentários múltiplos (cf: MONEGIA; RASO, 2014, p. 490-491); além disso, das 28 combinações, em 15 delas estão envolvidas unidades informacionais ilocucionárias. Em relação às tipologias interacionais, observou-se maior ocorrência de orações coordenadas em interações monológicas, somando um total de 54% (108 ocorrências).

CONSTRUÇÕES CORRELATAS ADITIVAS NO SÉCULO XVIII: UM ESTUDO FUNCIONAL CENTRADO NO USO

Brenda da Silva Souza
brendasouza045@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Este trabalho, fruto de um projeto de pesquisa de Iniciação Científica em andamento, pretende investigar as construções correlatas aditivas do tipo *não só X mas também Y* no espaço temporal do século XVIII. A pesquisa é parte de uma agenda de estudos linguísticos desenvolvidos dentro do Grupo de Pesquisa *Conectivos e Conexões de Orações* (CCO), na Universidade Federal Fluminense, que busca analisar as construções correlatas por meio de suas ocorrências e processos de concatenação nos níveis oracional e suboracional em todo o painel histórico da língua portuguesa. Nossa hipótese é de que a correlação aditiva se distingue da coordenação aditiva tanto sintática, quanto semanticamente, consoante conclusões de Rosário (2012), e, por isso, deve ser analisada como um fenômeno linguístico distinto, fugindo das rígidas classificações utilizadas pelos principais gramáticos brasileiros e pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Baseamo-nos na corrente teórica denominada Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que reúne pressupostos teórico-metodológicos provenientes da Linguística Funcional Clássica e da Linguística Cognitiva. A LFCU analisa os diferentes usos linguísticos a partir da perspectiva de construções, isto é, representações que combinam forma e função (GERVASIO, 2016) e defende uma estreita relação entre gramática e discurso. Segundo essa corrente teórica, ambos interagem entre si e se influenciam. Nesse sentido, a língua deve ser analisada em seu uso efetivo numa situação comunicativa concreta, de modo que os fatos linguísticos sejam descritos e analisados de acordo com as funções que desempenham. O *corpus* de análise da pesquisa em foco reúne extratos textuais de livros publicados em português brasileiro e europeu, e a reflexão analítica sobre esse material leva em conta o contexto sociocomunicativo e a tipologia textual. Na metodologia adotada, buscamos nos atentar a fatores tanto de natureza cognitiva, como pragmático-discursivos, fazendo uma análise prioritariamente qualitativa, mas com o suporte quantitativo. Em seu estado atual, a pesquisa demonstrará quais pares correlativos eram utilizados no século XVIII em contraste com os dados investigados por Gervásio (2016) e Rosário (2012), que se ocuparam dos séculos XIX, XX e XXI.

Resumos da 1ª sessão de comunicações individuais

08 de novembro – terça-feira – 17:00 às 18:30

ASPECTOS DE USO E DE MUDANÇA NA HISTÓRIA DE *COMO*

Luana Cardiga Bianchi

luana_cardiga@hotmail.com

Universidade Estadual Paulista (UNESP/IBILCE)

Este trabalho é parte de um projeto de mestrado que tem o objetivo maior de descrever aspectos dos usos conjuncionais de *como* que veiculam os sentidos de causa, conformidade, comparação e modo, padrões que tendem a mostrar relações de parentesco nas línguas (Kortmann, 1997), na perspectiva das mudanças de significado que teriam afetado esse item ao longo da história da Língua Portuguesa. Os objetivos específicos são: (i) investigar a emergência dos significados de *como*, em perspectiva longitudinal, visando o reconhecimento de possíveis relações de derivação que contribuam para desvelar direções e tendências nas mudanças semânticas, compreendidas, em conformidade com Traugott e Dasher (2002), como a transição de um significado linguisticamente codificado para outro, considerando, como base, as inferências disparadas pelo contexto; (ii) investigar o peso dos contextos, sobretudo dos contextos linguísticos, para a motivação e para a condução das mudanças de significado das construções com *como*; e, (iii) discutir os fatos da história da conjunção *como* à luz das tendências em subjetivação em mudança (Traugott, 1988; Traugott e Dasher, 2002) com o intuito de reconhecer aspectos de regularidade da mudança de significado. Para tanto, adotamos alguns pressupostos teóricos da gramaticalização, particularmente aqueles a respeito das alterações de significado (Heine, 2003; Heine e Kuteva, 2007; Kortmann, 1997), aos quais alinhamos à Teoria da Inferência Convidada (Traugott e Dasher, 2002), que é uma teoria da mudança semântica que se preocupa tanto com questões funcionais quanto com questões cognitivas. Como material, selecionamos textos de tipologia variada representativos dos séculos XIII ao XXI. A metodologia adotada é a diacrônica que, segundo Heine (2002) e Traugott e Dasher (2002), permite focalizar as polissemias de *como*, as especializações contextuais e os estágios graduais de desenvolvimento. Nesta apresentação, discutiremos os resultados preliminares referentes à amostra de dados do português dos séculos XIII e XIV que evidenciam os sentidos de modo e causa, herança latina, e os sentidos de comparação e conformidade que se relacionam estreitamente com o significado de modo.

CONEXÃO DE ORAÇÕES: UM ESTUDO DE INTERFACE SINTÁTICO-DISCURSIVA

Amanda Heiderich Marchon
claraeamanda@hotmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/CIAD-RIO)

Este trabalho analisará os mecanismos que ligam sintática, semântica e pragmaticamente as cláusulas umas com as outras. Nessa perspectiva, discutiremos como estas se combinam, no português brasileiro em uso, baseando-nos em um dos aspectos que contribuem para a organização argumentativa do discurso, a *hipotaxe circunstancial*. Objetivando uma análise mais abrangente, partiremos das postulações de Hopper e Traugott (1993) sobre a classificação das cláusulas, priorizando tanto a semântica quanto a sintaxe. Como o tipo de relação proposicional que emerge da relação de cláusulas independe do conector que as une, debruçar-nos-emos sobre os efeitos de sentido que as estruturas hipotáticas mantêm com as porções de discurso em que estão inseridas, conforme postulações de Matthiessen & Thompson (1988) e de Halliday (2004). Nesse sentido, consideraremos não só o nível microtextual – estudo apoiado na Semântica Argumentativa de Ducrot (1987) –, mas também o nível macrotextual – análise baseada na Semiologia, de Charaudeau (2009) –, na tentativa de ampliar os parâmetros da Gramática Tradicional no tratamento das cláusulas hipotáticas, bem como de contribuir para um ensino da Língua Portuguesa mais proficiente, fato que justifica um estudo que promove uma interface entre Funcionalismo e Análise do Discurso. Partindo da hipótese de que as estruturas hipotáticas revelam um matiz argumentativo, constituíram como *corpus* de análise desta pesquisa artigos de opinião publicados, aos sábados, pelo jornal *Folha de São Paulo*, na coluna *Tendências e Debates*, entre os meses de janeiro e outubro de 2014. A análise preliminar apontou que quanto maior a necessidade de comprovação de um argumento, mais produtivas são as estratégias para explicitar as relações hipotáticas entre as partes do texto.

A CONSTRUÇÃO “NÃO SÓ... MAS TAMBÉM”: UMA ANÁLISE BASEADA NA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Tharlles Lopes Gervasio
tharllesloge@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Universidade Federal Fluminense (CCO/ D&G)

O presente trabalho tem como objetivo a investigação das características da construção correlata com o padrão “não só... mas também”, aplicada ao discurso como articulador sintático em forma de par, com sentido aditivo, contudo com certa nuance de quebra de expectativa. A construção correlata aditiva em questão parece ter seu emprego bastante frequente em porções textuais de caráter expositivo-argumentativo. Com base nos

pressupostos teóricos apresentados pela Linguística Cognitiva – sobretudo a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994; 1997) e a Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006) –, intenta-se, também, examinar o contexto e a situação comunicativa em que se insere ou determina o uso da expressão. Busca-se, ainda, no desenvolvimento desta pesquisa de caráter quali-quantitativo, observar os impactos sintático-semânticos, bem como os discursivo-pragmáticos evidenciados pelo emprego da construção em pauta e as mudanças de postura em relação a seus interlocutores mediante esse uso. O trabalho, qual constitui um piloto da pesquisa em desenvolvimento no curso de Doutorado em Linguística, será desenvolvido a partir de registros escritos do Português do Brasil em uso retirados dos editoriais da página virtual da *Revista Veja*. Nos editoriais, argumentos que fundamentam a ideia principal do texto são dispostos de modo a convencer o interlocutor acerca do posicionamento defendido por seu autor. Pretende-se confirmar, com essa pesquisa, a hipótese de que a construção correlata aditiva seria um processo e/ou mecanismo que, além de diferir dos processos canônicos de coordenação e subordinação, refletiria, na prática discursiva, um modo especial de processamento, em termos cognitivos, do entrecruzamento de informações distribuídas entre as partes dessa construção. Da mesma maneira, temos por intenção verificar se a possível abertura de um espaço mental por meio dos pares correlatos aditivos favoreceria a força argumentativa do usuário da língua no discurso em relação a seus interlocutores para adesão de teses e, por fim, quais fatores determinariam a ocorrência da construção no gênero editorial.

OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA ESCOLA: PROPOSTAS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA CRÍTICA

Pedro Lucas Castro
Pedrolucas.lettras@gmail.com
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Este trabalho coaduna-se com uma série de outros - artigos, monografias e teses -, publicados, no prelo ou em processo de produção, do Grupo de Estudos sobre Reflexão e Análise Linguística na Escola (GERAL-E), da Universidade Federal de Juiz de Fora. Aqui também, buscamos seguir as diretrizes do grupo, a saber, a busca por estratégias que maximizem o caráter investigativo e analítico do ensino de língua em prol da maior eficácia do uso. Entendemos que o livro didático é a ferramenta essencial de trabalho da imensa maioria dos professores no Brasil e que, assim sendo, a divisão de trabalho nele proposta, bem como os conteúdos, as visões de língua e linguagem nele presentes e as teorias por ele apresentadas, acabam regendo a preparação e o andamento das aulas, muitas vezes de maneira acrítica, inclusive por conta da carga excessiva de trabalho da classe docente. Esse problema se agrava ainda mais no caso dos operadores argumentativos, cujo poder discursivo na composição dos textos (verificado por ILARI, 1996, e FIORIN, 2015); é muito pouco conhecido - de forma sistemática - entre os professores da educação básica, até mesmo pela parca quantidade de trabalhos acadêmicos que se proponham a fazer esse ponte entre os conhecimentos produzidos na comunidade científica e a prática escolar, no tocante às conjunções. Assim, procuramos

avaliar nesta empreitada as cinco coleções mais vendidas de livros de Língua Portuguesa para o ensino médio no Brasil (com base em índice divulgado online pelos órgãos estatais), examinando-os no que diz respeito tanto ao tratamento teórico dispensado aos operadores argumentativos, quanto às propostas de atividade sugeridas para que o aluno-leitor exercite os conhecimentos adquiridos no capítulo/unidade. Foi preparado um roteiro geral de avaliação que considerou o nível de análise proposto, a articulação com o ensino de leitura e escrita e o espaço concedido ao poder argumentativo dessas palavras, entre outros aspectos. Constatou-se uma profunda deficiência de grande parte dos livros analisados, no que se refere ao tratamento didático das conjunções, ficando a grande maioria deles restrita a uma análise do nível morfossemântico interoracional e bastante apegada a atividades de classificação. Para cada proposta avaliada, elaboramos um número maior ou menor de sugestões de emenda ou modificação, com o fim de adequar a metodologia e a seção prática dos livros didáticos a um ensino de português que propicie aos alunos a efetiva otimização de suas habilidades de leitura crítica (objetivo conclamado por ANTUNES, 2014). Amparados nos estudos de Mendonça (2006), entendemos que as práticas de análise linguística constituam o caminho e o método mais apropriados e estimulantes para a aquisição e o aprimoramento de quaisquer habilidades de uso linguístico, sobretudo quando se trata de aspectos da língua que exigem um olhar mais atento e crítico, recursos fortes de persuasão ou, como acontece em muitos casos, aspectos manipulativos do discurso das elites detentoras de acesso privilegiado ao discurso público, isto é, que servem à manutenção e à reprodução do abuso de poder (DIJK, 2008). Com esse entendimento e sua aplicação na reformulação dos exercícios e do tratamento teórico dos livros didáticos, esperamos que o professor possa lançar um novo olhar, mais instigado, para as conjunções, de modo a estimular esse mesmo olhar em seus alunos.

OS MODALIZADORES DISCURSIVOS NOS GÊNEROS ACADÊMICOS: ÍNDICES DE ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA

*Erivaldo Pereira do Nascimento
erypn@hotmail.com*

O objetivo deste trabalho é mostrar como os modalizadores discursivos se comportam nos gêneros acadêmicos, revelando como esses elementos linguístico-discursivos imprimem marcas de argumentatividade, orientando os enunciados em que aparecem, em razão de determinadas conclusões. Trata-se de reflexões feitas sobre o fenômeno da modalização nos referidos gêneros, a partir de investigações científicas realizadas através do Projeto ESAGD (Estudos Semânticos Argumentativos de Gêneros do Discurso: Gêneros Acadêmicos e Formulaicos), executado na Universidade Federal da Paraíba. Para tal, fundamentamo-nos, principalmente, nos estudos sobre a Modalização Discursiva, a partir de Cervoni (1989), Castilho e Castilho (1993), Koch (2012), Nascimento (2009, 2010) e Nascimento e Silva (2012), além dos estudos sobre os gêneros discursivos empreendidos por Bakhtin (2000[1979]), entre outros. Consideramos, neste trabalho, a modalização como um fenômeno que permite ao locutor deixar registrado, no seu discurso, marcas de sua subjetividade através de

elementos linguísticos e, portanto, imprimir um modo como esse discurso deve ser lido, funcionando, assim como uma estratégia semântico-argumentativa e pragmática. (NASCIMENTO, 2010). As investigações ligadas ao projeto ESAGD são de natureza quali-quantitativa e de caráter descritivo e interpretativista. A descrição do fenômeno da modalização nos gêneros investigados permitiu-nos verificar, entre outras coisas, que a modalização é uma estratégia presente em todos eles (ata administrativo-acadêmica, resumo, resenha, projeto de pesquisa de TCC e artigo científico) e que é utilizada com diferentes funções discursivas. A partir dos dados levantados nos diferentes *corpora* descritos, ou em descrição, ainda conseguimos verificar que o locutor responsável pelo discurso como um todo utiliza-se de diversos modalizadores discursivos para produzir diferentes efeitos de sentidos, entre os quais assimilação, distanciamento e avaliação, e direcionar os enunciados em razão de determinadas conclusões. Esses efeitos de sentido, por sua vez, são indispensáveis para a própria manutenção do *status quo* do universo acadêmico, ao qual pertencem os gêneros investigados. Além disso, as investigações nos permitiram rever a classificação dos elementos modalizadores, confrontando propostas de diferentes autores, tais como Koch (2002), Cervoni (1989) e Castilho e Castilho (1993), entre outros, com as descrições realizadas.

AS CONJUNÇÕES *POIS* E *PORQUE* SOB UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVA

Ânderson Rodrigues Marins
profandermarins@hotmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

No presente estudo, as conjunções *pois* e *porque* serão submetidas a uma análise semântico-argumentativa tendo em vista que o tratamento dado a elas, ao menos no Brasil, ainda merece reflexão, sobretudo no que diz respeito às relações de causa e explicação que esses conectores argumentativos conferem às orações. A base teórica para essa abordagem são os trabalhos desenvolvidos por Oswald Ducrot (1971, 1977, 1987) acerca da Semântica Argumentativa. Essa área faz parte de um interesse peculiar porque se dedica ao binômio linguagem/argumentação, e esta relação é categórica quando se buscam explicar as relações entre enunciados de orientação argumentativa e seus conteúdos semânticos. Com esses estudos de Ducrot, mostra-se que a taxonomia que as gramáticas apresentam há já pelo menos uns cinquenta anos, além de extremamente limitada, não leva em conta outros fatores relativos às conjunções mais significativos, como, por exemplo, a organização que dão ao discurso e à estruturação do texto. Há algumas exceções como, por exemplo, Neves (2000) e Azeredo (2010). Também servirão de base à pesquisa os trabalhos de Vogt (1989), Guimarães (2002), Koch (2003, 2006, 2008 e 2010), Neves (2000) e Azeredo (2010). Vê-se que, em algumas gramáticas normativas (cf. Rocha Lima (2010), Evanildo Bechara (2003) e Celso Cunha (2001)), a classificação das conjunções em questão, em coordenativas explicativas ou subordinativas causais, não é inteiramente clara. Ademais, os critérios utilizados por esses gramáticos, por serem apenas indicativos de intuições possíveis, insistem em repetir a diferença e adiam a explicação provável. Quando da investigação sobre o *pois* e o *porque* serão realizadas análises das incidências em *corpus* de língua

escrita contemporânea, com exame de textos do gênero jornalístico (jornal e revista) e do gênero “manual de instrução” - todos em linguagem formal. Assim, o presente trabalho busca apresentar um estudo acerca de fatores envolvidos entre as características dessas conjunções e também entre as relações de causa e explicação.

A CONSTITUIÇÃO DO FUNCIONAMENTO JUNTIVO DE AGORA: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA

Luísa Ferrari

luisa-ferrari@hotmail.com

Universidade Estadual Paulista (UNESP/Campus de São José do Rio Preto)

Neste trabalho, focalizamos o processo de constituição dos usos juntivos das construções com *agora*, que, funcionando originalmente como adverbiais temporais, atravessam, ao longo do tempo, reanálises morfossintáticas e semântico-pragmáticas, passando a expressar, além de valores temporais, significados contrastivos e a atuar no âmbito da junção textual. Nessa perspectiva, as construções em foco experimentam mudanças por gramaticalização, entendida como um processo gradual constituído de diferentes estágios intermediários que são refletidos na forma de diferentes arranjos contextuais (HEINE, 2002), de modo que o trânsito de uma configuração forma/significado A para uma configuração forma/significado B se dá a partir de contínuas reanálises contextuais, que, gradualmente, modificam o estatuto categorial e semântico-pragmático das construções em mudança. Nesse sentido, assumimos uma correlação entre etapas de desenvolvimento e contextos, considerando, à luz de Heine (2002), que a apreensão dos estágios graduais de mudança e, por consequência, dos contextos que condicionam as reanálises é fundamental para a compreensão do processo como um todo e, inclusive, dos novos funcionamentos. Assim, objetivamos, neste trabalho, explicitar a trajetória histórico-diacrônica percorrida pelas construções com *agora*, o que implica, na perspectiva aqui assumida, explicitar os diferentes arranjos contextuais que constituem os diferentes estágios de desenvolvimento das mudanças. Pretendemos, principalmente, apresentar evidências de que os usos contrastivos de *agora* e seus usos temporais compartilham traços de junção, isto é, a natureza juntiva que pode ser observada nos novos usos de *agora* mostra-se também presente em alguns de seus usos temporais, o que fornece indícios das motivações para o desenvolvimento de *agora* em juntor contrastivo. Nesse sentido, é possível hipotetizar que os valores temporais estão na base dos valores contrastivos, de modo que o processo de mudança em foco se caracterizaria pelo trânsito tempo > contraste, que constitui uma tendência amplamente observada nas histórias das línguas (KORTMANN, 1997). Desse modo, para alcançar o objetivo maior deste trabalho, perseguimos dois objetivos mais específicos: (i) identificar propriedades dos usos adverbiais de *agora* que alimentaram seus usos juntivos, destacando, assim, relações existentes entre o domínio-fonte da mudança e o domínio-alvo, o que colocará em evidência os processos metafóricos envolvidos nas mudanças; e, tendo em vista que, conforme perspectiva exposta acima, as reanálises morfossintáticas e semântico-pragmáticas se processam de modo gradual em arranjos contextuais específicos, é também nosso objetivo (ii) explicitar os contextos que possibilitaram as mudanças, especialmente os arranjos contextuais em que *agora*,

embora ainda apresentando funcionamento adverbial, desempenha funções de natureza conjunta. Aqui, estarão em evidência os processos metonímicos que condicionaram a transferência de traços funcionais e de sentido. A análise das construções será conduzida a partir dos pressupostos teóricos da gramaticalização (HEINE *et al.*, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; BYBEE, 2015), aliados ao modelo de contextos proposto por Heine (2002), modelo que, consistindo em uma ferramenta metodológica propícia para a análise contextual, postula a existência de quatro etapas/tipos contextuais ao longo dos processos de gramaticalização. Assim, metodologicamente, tomando por base o modelo de Heine (2002), conduzimos a análise a partir de uma perspectiva diacrônica. O material de análise compreende textos de tipologia variada produzidos ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX/XXI. A análise dos dados revela que, em seus usos tipicamente conjuntos, *agora* atua retomando porções textuais anteriores e apontando para o texto que está por vir, exercendo, assim, tanto funções textuais retrospectivas quanto prospectivas. Nos usos temporais, o item também atua retrospectiva e prospectivamente, mas no domínio temporal, retomando momentos anteriores e apontando para momentos futuros. Assim, evidencia-se a trajetória dêixis _(tempo) > foricidade _(texto), de modo que, em suas novas funções, *agora* preserva sua propriedade de referência, atuando como uma espécie de dêitico discursivo (Apoio: FAPESP 2015/21358-6).

USOS DO CONECTOR *EXCETO* SOB A PERSPECTIVA DA LFCU

Fabiana Felix Duarte Moreira
fabianafdmoreira@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF - CCO/D&G)

O objetivo desta pesquisa é traçar um panorama dos usos do conector *exceto*, uma vez que pouca e controversa informação temos a respeito das construções de exceção. Apesar de alguns teóricos tradicionais mencionarem as construções de exceção em seus compêndios, essa descrição é ainda incipiente. Esta pesquisa pretende dar evidências de que o conector *exceto*, combinado ou não com outros elementos, é produtivo no português brasileiro, descrevendo seus usos, e lançando, assim, luz ao tema. Essa descrição se dará sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) em que os padrões linguísticos são analisados em seus contextos de uso. A partir desse modelo teórico, os estudos funcionalistas passaram não mais a levar em consideração apenas um determinado item, mas, em uma visão mais abrangente, aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos (plano da forma), bem como aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos (plano do significado). Julgamos que essa abordagem apresenta-se como apropriada para a investigação do conector *exceto* (e derivados) em seus usos linguísticos reais. Para esta análise inicial, o *corpus* selecionado compreende textos de domínio jornalístico publicados entre os anos de 2000 e 2016. A partir da busca pela partícula *exceto*, foram levantadas ocorrências, nas quais verificamos o padrão construcional *Exceto X* instanciado em quatro *types*: 1) *Exceto Ø*, em que o elemento subsequente pode ser SN, SPrep, SAdv e oração reduzida de infinitivo; 2) *Exceto quando*; 3) *Exceto se*; e 4) *Exceto que*. Assim, nosso alvo de análise contemplará as microconstruções formadas por *exceto quando*, *exceto se* e

exceto que que, acreditamos, são estratégias de veiculação de conteúdos semânticos aparentados, mas, ao mesmo tempo, diferenciados, se comparados ao mais prototípico *exceto*, conectivo simples. Os resultados parciais dessa pesquisa evidenciam os usos sincrônicos desse item na variedade brasileira da língua portuguesa, justificando a necessidade de uma maior descrição desse fenômeno linguístico.

A PARTÍCULA *ENFIM* E SEUS USOS FUNCIONAIS

Jaqueline C. R. Marcondes Azevedo
jaquemarcondes@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

O objetivo desse trabalho é discutir as propriedades semânticas e sintáticas da partícula *enfim*, analisando os contextos em que se apresenta em contraste com o que é apresentado pelas gramáticas normativas da língua portuguesa. Para isso, utilizamos o instrumental teórico da Linguística Funcionalista Centrada no Uso, uma vez que nossa proposta é entender como esse item se comporta em seu contexto linguístico, observando a maneira como os falantes o selecionam no repertório da língua em uso. Intentamos investigar os ambientes linguísticos em que o *enfim* é utilizado para, então, descrever as funções e os sentidos que essa partícula pode assumir na língua em uso. Essa pesquisa conta com uma análise inicial de *corpus* falado e escrito do D&G e de notícias da Revista *Veja Online* publicadas durante o período de 01 de fevereiro de 2015 a 05 de julho do mesmo ano, em que procuramos, através do suporte teórico e metodológico da LFCU, apresentar os ambientes linguísticos que costumam recrutar essa partícula, investigando as sequências textuais, os valores semânticos e a posição do item no período. Até o presente momento, os resultados obtidos através da análise dos dados de diferentes *corpora* nos permitem concluir que as ocorrências de valor semântico de conclusão são mais produtivas em contextos de língua escrita informal e em eventos de língua falada formal. Podemos, ainda, observar que, além do fato de apresentar polissemia, o *enfim* também apresenta funções gramaticais diferentes que sugerem, inclusive, uma transição de um sentido mais concreto – ideia de tempo – para um sentido mais abstrato – ideia de conclusão. Além disso, foi possível detectar a tendência de o *enfim* aparecer no final do período quando quer expressar valor de conclusão e a liberdade posicional do item quando expressa valor semântico de tempo. Isso reitera, respectivamente, suas funções de conectivo e advérbio e nos permite afirmar que essa alteração sintática e semântica está diretamente relacionada ao contexto em que o *enfim* aparece.

A CRISTALIZAÇÃO DO SN “O SEGUINTE”

Fernanda Abreu e Silva Alencar
alencar.nanda@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

A gramaticalização é um processo de mudança linguística segundo o qual um item lexical se torna gramatical ou mais gramatical. Esse processo envolve questões como unidirecionalidade (HEINE *et alli*, 1991); aumento na frequência e enfraquecimento do conteúdo semântico (Bybee 2003). Observamos, em nossos dados, que algumas dessas características estão relacionadas ao SN “o seguinte. Neste artigo, analisamos o SN “o seguinte” no discurso falado, considerando os séculos XVIII, XIX e XX, com o **objetivo de investigar** (i) os tipos de construções com a expressão “o seguinte”, (ii) a frequência de cada tipo de construção e (iii) as funções apresentadas por esse SN nas diversas construções. Para retratar a modalidade de fala no século XVIII, utilizamos peças populares portuguesas, retiradas dos corpora do projeto PHPB - Rio (Para uma História do Português do Brasil -RJ); para reproduzir a modalidade de fala no século XIX, textos de peças teatrais populares brasileiras de domínio público, coletadas nos sites www.bdteatro.ufu.br e www.biblio.com.br e para representar a modalidade de fala no século XX, a amostra *Censo 80*, que integra o acervo do grupo PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da língua). Realizamos o processamento estatístico dos resultados pelo uso do programa *Makecell*, que compõe o pacote computacional Goldvarb 2001, para a obtenção de frequências. Verificamos, a partir da análise dos dados, que esse SN demonstra estar perdendo sua função ideacional e assumindo uma função essencialmente textual, atuando, principalmente, no plano da organização do texto, como podemos observar neste exemplo: “*Ó, meu pai, é o seguinte: a minha paixão mesmo não é trabalhar em obra. Eu adoro mecânica. O senhor me arranja uma oficina mecânica, onde eu possa aprender, que aí, eu dali eu sigo o meu destino*”. (Censo 80 - Falante 07) A função de organizador textual do SN “o seguinte” aliada a determinadas características de ordem formal sugerem que esse constituinte esteja passando por um processo de cristalização.

JUSTAPOSIÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA-FUNCIONAL NO GÊNERO PROPAGANDA

Adriana Cristina Lopes Gonçalves
adrianaclgoncalves@hotmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (PG/UFRJ)
Gustavo Benevenuti Machado
machadogb@hotmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (PG/UFRJ)

O presente trabalho objetiva defender a justaposição como um procedimento sintático comum no gênero textual propaganda devido aos seus recursos pragmático-discursivos. Para tanto, buscamos aprofundar a análise do gênero textual à luz dos Modos de Organização do Discurso (Enunciativo, Descritivo, Narrativo e Argumentativo), seguindo a proposta da Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Além da AD, outro aporte teórico adotado neste trabalho é o funcionalista, mais especificamente, os trabalhos de Decat (2001) e Dias (2009). Com base nestes, compreendemos como cláusulas justapostas aquelas, que, apesar de serem independentes sintaticamente e não

apresentarem conector explícito, são dependentes semanticamente umas das outras. Quanto à análise da propaganda, Charaudeau (2008) afirma que esse gênero se caracteriza pela combinação de vários modos de organização do discurso, com uma tendência mais marcada para o *descritivo* e o *narrativo* na publicidade de rua (cartazes) ou revistas populares; já nas publicidades encontradas em revistas técnicas especializadas, há uma tendência ao modo argumentativo. Para esta investigação, recolheram-se 66 propagandas de agências credenciadas à Associação Brasileira de Agências Publicitárias (ABAP) dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Ceará e Bahia, a fim de analisar os tipos de constituintes justapostos, o modo de organização predominante, bem como as leituras hipotáticas que emergem do *slogan*. Verificamos que, das 66 propagandas selecionadas, 49 são períodos simples justapostos, 4 são sintagmas nominais justapostos e 13 são orações justapostas, que formam um período composto. Quanto ao modo de organização, predominou, por atender melhor ao propósito comunicativo deste gênero, o argumentativo. Considerando as relações proposicionais e a possibilidade de mais de uma emergir no mesmo *slogan*, apareceram mais as relacionadas à condicionalidade e causalidade; as que menos emergiram foram as de contraste.

RELATIVAS APOSITIVAS “DESGARRADAS”: ESTUDO ATITUDINAL

Karen Pereira Fernandes de Souza
karen_pf_souza@hotmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Neste artigo, pretende-se verificar os usos das cláusulas hipotáticas relativas apositivas “desgarradas” retiradas de jornais cariocas dos séculos XIX, XX e XXI dos *corpora* VARPORT, PHPB e PEUL, disponíveis *online*. As cláusulas relativas apositivas “desgarradas” são tratadas à luz da proposta da Gramática Tradicional (GT) como “desvios”, porque orações subordinadas adjetivas não podem funcionar sozinhas, sem vínculo com a principal. Quando ocorrem de forma autônoma, passam uma ideia fragmentada da mensagem, por estarem desconectadas de seu referente SN, este presente em uma oração principal, a recomendação da GT é que, principal e adjetiva apareçam em um único período composto, no qual deve ser encontrado o SN referente e a oração adjetiva explicativa ou cláusula relativa apositiva. Entretanto, pode-se ver na modalidade escrita do Português Brasileiro (PB), cláusulas relativas apositivas funcionando de forma autônoma, independente, veiculando uma mensagem perfeitamente compreendida por qualquer usuário da língua, contrariando as recomendações da prescrição tradicional, e, além disso, com um efeito pragmático próprio de ênfase. A hipótese deste trabalho é que os usuários da língua percebem o efeito pragmático dessas cláusulas dentro do contexto e por esta razão não o consideram como “erro”, como “desvio”, e, portanto, espera-se confirmar a conclusão de Souza (2016) de que o “desgarramento” das cláusulas relativas apositivas, embasada em Labov (1994), é considerado como um *indicador*, pois os usuários da língua utilizam esse recurso lingüístico sem mesmo perceber. À luz do Funcionalismo Linguístico (cf. Hopper & Traugott, 1993; Chafe, 1980; Decat, 2011), pretende-se caracterizar essas estruturas hipotáticas como unidades informacionais que funcionam de forma autônoma

no texto ao levar em consideração as funções semânticas (de avaliação, comentário, adendo) e os efeitos pragmáticos do emprego dessas estruturas. Deste modo, objetiva-se verificar se os usuários da língua realmente entendem, ou melhor, percebem a realização dessas cláusulas com um objetivo comunicativo específico por parte do autor do texto. Objetiva-se verificar também se professores de Língua Portuguesa, que possuem um olhar mais atento sobre a língua, assim como os alunos, também percebem como um propósito específico da comunicação ou se entendem essas estruturas como um “desvio” sintático, um “erro” na modalidade escrita, conforme prescreve a GT. Como metodologia, serão montados e aplicados dois Testes de Avaliação Atitudinal, seguindo os moldes utilizados por Bastos (2014): (a) testes a serem aplicados a alunos do terceiro ano do Ensino Médio e a alunos do primeiro a segundo período do Ensino Superior; (b) testes a serem aplicados a professores de Língua Portuguesa (discentes dos cursos de Pós-Graduação do curso de Literaturas e do curso ProfLetras). Sendo assim, trata-se de uma pesquisa descritiva e qualitativa dos resultados que serão obtidos. Com base em uma análise preliminar de 1.883 textos, obtiveram-se trinta e oito dados, comprovando a existência deste fenômeno na modalidade escrita. Além disso, verificou-se que essas cláusulas são importantes na organização retórica do texto ao focalizar, enfatizar ideias e/ou partes do texto.

GRAMATICALIZAÇÃO DE CONECTORES CAUSAIS NO PORTUGUÊS ARCAICO

*Fabrício da Silva Amorim
fabricioamorim6@gmail.com
Instituto Federal da Bahia (IFBA/Campus Valença)*

Este trabalho apresenta uma descrição semântico-pragmática e sintática dos conectores causais *ca*, *porque*, *pois* e *porquanto* em correlação com a sua gramaticalização (DIEWALD, 2011; TRAUGOTT, 2010; HEINE, 2003; HOPPER, TRAUGOTT, 1993). O *corpus* é constituído de textos que datam do século XIII ao XV, recorte sincrônico que, de acordo com a periodização proposta por Mattos e Silva (2006), corresponde ao português arcaico. Os principais objetivos são: i) descrever (possíveis) percursos de gramaticalização dos conectores causais no decorrer do período arcaico e ii) identificar em que medida a gramaticalização desses conectores envolve um processo de (inter)subjativização. Para a análise semântico-pragmática, considera-se a relação de causalidade como uma zona conceptual fluida que abrange noções de causa estrita e alargada (LOPES, 2012; SWEETSER, 1990). Do ponto de vista sintático, a análise se baseia em critérios que ultrapassam os limites da sintaxe, a fim de descrever o estatuto dos conectores em termos de *parataxe* e *hipotaxe*, entendidas como estratégias de articulação de orações sob o viés de Longhin (2015) e de Hopper e Traugott (1993). As análises semântico-pragmáticas, em correlação com a sintática, trazem à tona resultados e, em alguns casos, hipóteses explicativas, que são de grande relevância para a compreensão de processos de gramaticalização de conectores. Mostra-se, por exemplo, que os conectores que emergem já gramaticalizados no português não sofrem subjativização, corroborando a hipótese de que esse processo é mais esperado para o estágio de gramaticalização primária (TRAUGOTT, 2010). Essa constatação se baseia,

principalmente, nos resultados obtidos para os conectores *ca* e *pois*, que, tendo surgido no português como formas gramaticalizadas e subjetivas, parecem ter experimentado a subjetivização na gramaticalização primária, implementada, portanto, no latim. Ao contrário, *porque* e *porquanto*, formas cuja gramaticalização se dá no português, apresenta usos menos subjetivos no português arcaico, sustentando a hipótese de que a sua (inter)subjetivização ocorra em estágios mais tardios da sua evolução no português.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS NA FALA ESPONTÂNEA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO ENTRE SINTAXE E ARTICULAÇÃO INFORMACIONAL

Giulia Bossaglia

giulia.bossaglia@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Heliana Mello

heliana.mello@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Este trabalho analisa a subordinação completiva e adverbial explícita com base no corpus de português brasileiro falado C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012), e fundamenta-se na *Language into Act Theory* (L-AcT; CRESTI, 2000; MONEGLIA; RASO, 2014), uma teoria pragmática da fala, que considera a prosódia como a dimensão fundamental desta diamesia. Nosso objetivo foi observar os fenômenos de interface entre sintaxe e articulação informacional na realização das orações completivas e adverbiais explícitas na fala espontânea do PB, e observar diferentes funções que os conectivos utilizados para introduzi-las podem ter nesta diamesia. L-AcT individualiza a unidade de referência da fala no enunciado, i.e. a menor unidade, dentro do fluxo da fala, interpretável como prosódica e pragmaticamente autônoma, ou seja, como um ato de fala (AUSTIN, 1962). O enunciado pode ser composto por mais unidades tonais que veiculam unidades informacionais (UIs), caracterizadas por perfis prosódicos, distribuição dentro do enunciado e funções diferentes. A L-AcT assume que as UIs são ilhas semânticas e sintáticas, e que, portanto, o output final do enunciado resulta da combinação das UIs em diferentes padrões informacionais, já não de relações de composicionalidade entre o material linguístico que as compõe. A partir desta premissa, a L-AcT distingue entre sintaxe *linearizada*, ou seja, verdadeiras estruturas de subordinação e coordenação, realizadas dentro de uma mesma UI, e *construções padronizadas*, estruturas realizadas ao longo de mais de uma UI, que devem ser analisadas levando em conta as relações pragmáticas existentes entre as UIs (CRESTI, 2014). Para a análise da subordinação completiva e adverbial na fala espontânea do PB coletamos nossos dados a partir de um *minicorpus* extraído do C-ORAL-BRASIL, disponível na plataforma online DB-IPIC (<http://lablita.dit.unifi.it/app/dbipic/>): este *minicorpus* é representativo do C-ORAL-BRASIL (foi construído de acordo com os mesmos pressupostos teóricos e metodológicos e possui a mesma arquitetura), e inclui 20 sessões gravadas (2/3 dialógicas, 1/3 monológicas), as transcrições, o alinhamento texto-som e a etiquetagem informacional. A plataforma DB-IPIC é dotada de uma interface de busca, por meio da qual procuramos as orações completivas e adverbiais

buscando pelos complementizadores e conectivos adverbiais, respectivamente. Foram levantados 211 (4% sobre o total dos enunciados) e 321 (6%) enunciados contendo orações completivas e adverbiais explícitas, respectivamente. Com relação aos conectivos, observamos a forte predominância de *que* (84%; *se* 11%; outros 5%) para as completivas; para as orações adverbiais o leque de conectivos caracteriza-se como bem mais variado em *types*, mas os mais representados são os conectivos causais (44%; *porque* é o mais frequente), condicionais (29%; *se* é o mais frequente), e temporais (23%; mais frequente: *quando*). As completivas são realizadas, de preferência, em configuração linearizada, i.e. dentro da mesma UI junto com a oração matriz (84%, vs. 16% padronizadas); apenas 6% das adverbiais é realizado em linearização, sendo que 94% é realizado ou em construções padronizadas, i.e. orações principal e adverbial em UIs diferentes, ou em configuração insubordinada (EVANS, 2007), i.e. oração subordinada realizada sozinha no enunciado (a principal pode estar completamente ausente, ou ser recuperável no contexto adjacente). Observamos que a função dos conectivos pode ser considerada como de efetivos subordinadores com valor completivo ou adverbial apenas em linearização, ou em sequências terminadas mais textualmente orientadas (as *Stanzas*: CRESTI, 2010). Já nas construções padronizadas ou insubordinadas sua função parece mudar para o plano pragmático-informacional: eles podem ser utilizados como elementos de ligação pragmática entre UIs, ilocuções ou entre enunciados (i.e. atos de fala) distintos.

A ARTICULAÇÃO DE CLÁUSULAS EM CARTAS DO SÉCULO XX

Rachel de Carvalho P. E. Silvestre
rachelescobar@oi.com.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (PG/UFRJ – CAPES)

A Gramática Tradicional (GT) pós Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) reconhece apenas a coordenação e a subordinação como procedimentos de estruturação sintática no âmbito do período composto. No entanto, alguns autores, usando pressupostos teóricos diferentes, como os funcionalistas Halliday (1985), Matthiessen e Thompson (1988), dentre outros, questionam serem apenas esses os tipos de mecanismos de combinação de cláusulas complexas no discurso. O presente estudo tem como objetivo descrever, por meio de uma análise qualitativa, o processo de articulação de cláusulas em vinte e sete cartas (27) do século XX, dos *corpora* "Casal anos 50", "Frazão Braga" e "Pereira Teixeira". Na perspectiva teórica adotada nesta investigação, propõe-se uma interface entre a teoria Funcionalista, que analisa a relação gramatical das línguas e seus contextos de interação, e a Sociolinguística Histórica, que desenvolve procedimentos para a reconstrução da linguagem em seu contexto social, a fim de verificar o fenômeno de articulação de cláusulas e quais relações sintático-semânticas permeiam tal articulação nestes contextos de uso. Neste trabalho, serão verificadas as estruturas de parataxe, hipotaxe e subordinação. Na parataxe, serão investigadas as estruturas justapostas e coordenadas; na hipotaxe e na subordinação, serão observadas apenas as cláusulas desenvolvidas. Além disso, será feita a análise do perfil social e sociolinguístico dos autores envolvidos nas cartas, observando o *continuum* oralidade - escrituralidade. Para esta investigação, os dados foram transcritos e editados no *E-dictor*, analisados e contabilizados manualmente e quantificados em uma tabela do

programa do Office *Excel*. Os resultados registram maior uso de parataxe nas cartas do "Casal anos 50" e de "Frazão Braga", já nas cartas "Pereira Teixeira", há maior número de estruturas subordinadas e hipotáticas. Verificou-se, também, no âmbito da coordenação, que o conectivo "e" foi o mais usado nas missivas que compõem os *corpora*; no que se refere aos casos de cláusulas hipotáticas, o conectivo "para" foi o mais utilizado nas cartas.

Resumos da 2ª sessão de comunicações individuais

09 de novembro – quarta-feira – 11:00 às 12:30

A MULTIFUNCIONALIDADE DOS CONECTORES OPOSITIVOS EM TEXTOS ORAIS: SUBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE?

*Camilo Rosa Silva
camilorosa@gmail.com
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)*

Neste trabalho, apresentamos resultados de pesquisa sobre os conectores opositivos presentes em amostras de dados do discurso oral. Trata-se do *corpus* O Linguajar Paraibano (LP), organizado por Stein et al. (2014; 2016), projeto que visa a documentar as variedades dialetais faladas no estado da Paraíba. Nossa abordagem intenta destinar tratamento analítico aos usos linguísticos, focando, neste caso, os itens considerados adversativos, com os quais os falantes entrevistados nas diversas comunidades realizam as conexões entre segmentos oracionais opositivos. Para esta apresentação, expomos um panorama quantitativo dos itens conectores; no entanto, o tratamento qualitativo privilegia a análise do *mas*, considerando seu elevado índice de frequência. Como objetivo, pretendemos descrever as (sub)funções semântico-discursivas desempenhadas por esse conector, cuja recorrência reforça sua prototipicidade (SILVA, 2005) enquanto elemento articulador de orações opositivas. Além disso, buscamos compreender de que forma a subjetividade e a intersubjetividade atuam na já propalada multifuncionalidade do item referido. A realização do estudo exige uma leitura linear e integral dos textos do *corpus*, uma vez que, para alcançar os propósitos elencados, é necessário identificar/interpretar as sequências textuais que se articulam via conectores adversativos. Desse modo, são mapeados todos os itens usados nesses contextos para posterior observação mais detalhada de seu comportamento em usos da oralidade. Na realização da análise, buscamos amparo em Traugott (2010), autora que compreende a

subjetividade como a relação entre o falante e suas próprias crenças, enquanto intersubjetividade contempla a participação interacional, ou seja, é voltada ao destinatário. Também compartilhamos o ponto de vista de Traugott e Dasher (2005), que percebem a subjetividade como um meio eficaz do qual o falante se utiliza para codificar novos sentidos. Nesse contexto, o estudo se ambienta no quadro teórico das análises ditas funcionalistas, especialmente, aquelas que buscam explicar os fenômenos de fluidez categorial dos itens linguísticos, ancoradas no princípio da gramaticalização (SILVA, 2005; 2016). Como resultado parcial, podemos antecipar que o estudo dos conectores opositivos ora efetivado ratifica a manifestação de uma multiplicidade de (sub)funções semântico-discursivas, especialmente, em se tratando de usos orais.

GRAMATICALIZAÇÃO: UM ESTUDO DO VERBO ANDAR

Malvina Maria de Oliveira
Malvina_oliveira@msn.com
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

O presente trabalho tem como intuito verificar as diferentes possibilidades de formações com o verbo “andar” seguidas de complementos formados por V2 na língua portuguesa a partir da Teoria da Gramaticalização. De modo geral, a gramaticalização, segundo Gonçalves (2007), é o processo de mudança linguística em que novas formas são criadas para funções já existentes e/ou novas funções são atribuídas a formas que já existem, sendo possível dessa forma, estabelecer certa regularidade nas diferentes mudanças identificadas. Para abordar os estágios de encaixamento e de dependência entre “andar” e V2 observados nas diferentes possibilidades de conexões de oração, adotamos como base teórica a proposta de Lehmann (1988) e Halliday (1994), e com as propostas de Bybee et alii (1994), Hopper (1991), Heine (1993/1994) sobre essa teoria. Pretendemos comprovar a hipótese de trabalho que pressupõe que, com o passar do tempo, o verbo “andar” deixou de ser usado apenas como verbo pleno para assumir usos como verbo auxiliar. Para isso, foi feito o levantamento de dados em três *corpora* sincrônicos, a saber: o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, o *corpus* do projeto “PEUL e o *corpus* do projeto “NURC/RJ. Nossa análise se baseia na metodologia qualitativa, uma vez que objetivo desta etapa da pesquisa é levantar e descrever pontualmente o processo de mudança gramatical do verbo “andar”. Nas próximas etapas, pretendemos comparar esses dados a *corpora* diacrônicos realizando assim, um estudo pancrônico. A justificativa para esse processo se dá segundo Neves (1997), porque o estudo sincrônico está vinculado ao caráter gradual da mudança, isto é, aos fenômenos de variação; e a diacronia estaria vinculada ao caráter instantâneo da gramaticalização, ou seja, ao ponto de vista cognitivo. Esperamos desse modo, contribuir para um conhecimento mais efetivo acerca da gramaticalização do verbo em estudo no português brasileiro uma vez que, consideramos que o entendimento desse processo pode contribuir substancialmente para a compreensão da mudança linguística.

MARCAS DE SUBJETIVIDADE EM CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS INTRODUZIDAS POR “CASO”

Camila Fernandes da Silva
camila_fernandes.29@hotmail.com
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS/Campus de Três Lagoas)

Sob a perspectiva teórica da Linguística Funcional-Cognitivista, este trabalho tem como objetivo analisar e descrever os aspectos semânticos-pragmáticos das construções condicionais introduzidas pelo conector “caso” no português contemporâneo do Brasil. Especificamente, investigar como os tempos verbais associados ao conector “caso” em construções condicionais sinalizam diferentes posturas epistêmicas. Esse último conceito é definido por Fillmore (1990) como “o grau de associação (ou dissociação) mental do falante com relação ao evento descrito da prótase P”. Assim, a construção pode sinalizar uma perspectiva epistêmica positiva, neutra ou distanciada. Na postura epistêmica positiva o falante manifesta certeza ao evento P, já na postura neutra o evento é possível. A seleção da conjunção, bem como da morfologia verbal das construções são fundamentais para uma interpretação pragmática da relação de condição e demarcam funções discursivas específicas. Desse modo, o conector e os morfemas modo-temporais podem constituir indicadores de perspectiva subjetiva, na medida em que remetem implicitamente aos processos epistêmicos (possibilidade/probabilidade) do falante, ativados durante o evento de fala. Para tanto, esta pesquisa adota o referencial teórico funcional-cognitivista como se vê em Neves (1999, 2000, 2001, 2012) e Ferrari (2000, 2001, 2002, 2013), seguindo especialmente os trabalhos sobre a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER 1994, 1997; FAUCONNIER; SWEETSER, 1996), as relações causais entre espaços condicionais (SWEETSER, 1990; DANCYGIER, 1998; DANCYGIER; SWEETSER, 2005, GOMES, 2008), as considerações sobre subjetividade (LANGACKER, 1987, 1990, 1991; TRAUGOTT; DASHER, 2005, FERRARI; SWEETSER, 2012), e as contribuições sobre postura epistêmica (FILLMORE, 1990). Para tal análise, levaremos em conta o uso do conector “caso” em situações reais da língua por isso utilizaremos as ocorrências do Corpus do Português (<http://www.corpusdoportugues.org>). Espera-se como resultado deste trabalho contribuir para a interpretação da condicionalidade no Português do Brasil.

SEQUÊNCIAS TEXTUAIS E MODALIZADORES NA LEITURA DO GÊNERO CONTO DE TERROR

José Ricardo Carvalho
Universidade Federal de Sergipe (UFSPNPD-CAPES)

Observamos que o tratamento didático da leitura de contos de terror na sala de aula, em uma abordagem discursiva, tem sido pouco explorado. Tradicionalmente, as práticas de leitura de contos de terror explicitam os conteúdos temáticos que assombram o leitor, mas não exploram a maneira como os enunciados são construídos pelo autor para

promover o efeito do terror. Em nossa pesquisa, observamos que os contos de terror costumam promover encenações voltadas para situações extraordinárias repletas de mistério e suspense por meio de construções linguístico-discursivas. Nossa hipótese é de que esse universo ficcional fantástico representado se formula por meio de ações de linguagens que podem ser observadas pela articulação de sequências textuais narrativas, descritivas e argumentativas, configuradora do clima de terror e expressão do caráter dos personagens. No interior das sequências textuais mencionadas identificam-se mecanismos enunciativos, responsáveis pela gestão de vozes e uso de modalizadores, destacam-se o modo de organização dos posicionamentos discursivos e a modalização sobre os conteúdos temáticos abordados no texto (Bronckart, 2007). Sendo assim, analisamos de que forma as sequências narrativas, descritivas e argumentativas constroem imagens dos fatos e do comportamento dos personagens, promovendo avaliações e comentários, fornecendo assim, uma dada orientação argumentativa para o discurso do narrador, responsável pela coerência pragmática. Por meio de enunciados modalizados pelo personagem-narrador é possível reconhecer impressões subjetivas dos conteúdos temáticos abordados na trama. Seguindo esses procedimentos teórico-metodológicos, apresentamos, então, uma análise do conto “O gato preto” escritos por Edgar Allan Poe de acordo com os princípios propostos pelo Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart (2007). Sob essa abordagem, discutimos a importância do reconhecimento de ações de linguagem e competências mobilizadas na leitura de um texto inscrito no gênero conto de terror com vista a criação de uma sequência didática que explore a leitura do conto de terror, de modo discursivo, em classes do segundo segmento do Ensino Fundamental.

COESÃO: O USO DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS COMO DIRECIONADORES DISCURSIVOS

Patrick de Oliveira Barros
patrickbarros21@gmail.com

O presente trabalho tem como tema o uso dos operadores argumentativos como direcionadores discursivos, principalmente, na perspectiva de coesão textual no que diz respeito à ligação das partes iniciais e finais do texto, ou seja, introdução e conclusão em textos argumentativos, relação esta que se faz imprescindível para que aconteçam os processos de leitura e interpretação textual. Deste modo, construíram-se questões que nortearam este trabalho, tais como: O uso dos operadores argumentativos de fato auxilia na ligação das ideias expostas pelos autores em produções argumentativas? Os operadores argumentativos proporcionam suporte na construção de sentido textual com o objetivo de convencimento das ideias por parte do leitor? Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se como recuso metodológico, a pesquisa bibliográfica realizada a partir da análise de materiais já publicados na literatura e artigos científicos divulgados no meio eletrônico, considerando as contribuições de autores como: CITELLI (1994), KOCH (2000); (2004); (2005) (2006); (2009) E VAL (1999). Neste contexto, o objetivo principal deste estudo foi refletir sobre como deveria ser o uso dos operadores argumentativos, frente ao direcionamento discursivo, essencialmente na interação escritor / leitor via texto, neste caso especificamente aluno e professor, pois quando se passa para a análise dos processos didáticos executados em sala de aula, esses

conectores/operadores recebem uma classificação meramente sintática, sendo abordados apenas com o intuito de estabelecer relação de dependência e independência entre as orações, negligenciando o fato de que nos estudos linguísticos, os operadores argumentativos são elementos responsáveis, na estruturação do texto, pela orientação argumentativa, favorecendo a intenção do produtor via texto, e que o processo de convencimento via modalidade escrita pressupõe uma estruturação correta das ideias por parte do autor, de modo claro e objetivo, que desencadeará na aceitação dessas pelo leitor. Daí a importância de se investigar o papel do uso adequado dos operadores argumentativos na construção de coesão textual desses pensamentos por parte do escritor e o papel desses operadores como ferramentas que garantem a persuasão dos receptores, sendo essa a principal função de um texto argumentativo. Torna-se evidente que todos os textos escritos nesse padrão devem seguir determinadas características e regras específicas de produção, contudo, não é qualquer pessoa que o consegue fazer, pois tal tipologia necessita de significativo domínio da modalidade escrita da língua portuguesa. Desse modo constatou-se que os operadores argumentativos de fato auxiliam o produtor textual na construção e organização das ideias no texto e atuam como uma ferramenta indispensável na orientação da leitura e interpretação dessas pelos leitores. Portanto, cabe aos professores um trabalho didático dos mesmos, visto que muitos profissionais não têm a percepção de que o ensino gramatical e o ensino linguístico encontram-se interligados, o que acaba gerando confusão e desinteresse na busca de solucionar tais questões de modo efetivo e não simplesmente gramatical, pois é notória a importância que o bom uso dos operadores argumentativos proporciona na ligação das ideias expostas pelos autores e assim um caminho lógico e direto entre o ponto de vista apresentado e sua conclusão imediata.

ASPECTOS POLISSÊMICOS DO CONECTIVO *MAS* EM TEXTOS DE DISCENTES DA 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Antonio Vianez da Costa
antonio_vianez@outlook.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM)

Neste trabalho, investiga-se o uso do conectivo *mas* nas construções escritas de estudantes da 3ª série do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM – Campus Manaus Zona Leste, considerando o aspecto polissêmico que esse articulador textual apresenta. Com referência à escolha do local, nessa instituição há cursos técnicos profissionalizantes integrados ao médio, como Agropecuária, Agroecologia e Paisagismo, além de um público oriundo de vários municípios do Amazonas, o que corrobora, indubitavelmente, com a pluralidade de sentidos e, conseqüentemente, com a heterogeneidade linguística. Nesse contexto, objetiva-se, verificar a pluralidade de sentidos de *mas*, identificando, nos textos dos discentes do IFAM/CMZL, valores semânticos, a partir do princípio da contraposição. Para a realização desta pesquisa, tem-se, como aporte teórico, a abordagem funcionalista e a semântica argumentativa, as quais, por meio de olhares diversificados, servem de sustentação para o funcionamento plurissignificativo desse articulador

textual, amplamente utilizado. Quanto à metodologia, a pesquisa é qualitativa, de natureza documental, com a modalidade análise de conteúdo. A escolha do *corpus* resultou da construção de trinta textos dissertativo-argumentativos de estudantes da 3ª série do Ensino Médio do IFAM/CMZL. Essa tipologia textual prioriza a defesa de ideias ou o ponto de vista de determinado assunto e, nesse sentido, o escritor precisa de elementos discursivos, entre eles o *mas*, para exprimir os vários níveis de contraposição. Dos trinta textos construídos, foram selecionados dez, a partir dos critérios a) presença do conectivo *mas* e b) contraposição apresentada por esse conectivo, cuja análise foi feita em excertos dos textos escolhidos. O resultado obtido foi o seguinte: nos dez textos em análise, foram encontradas dezoito ocorrências do conectivo *mas*. Dessas dezoito ocorrências, considerando os valores semânticos, onze pertencem ao universo da *contraposição por negação de inferência*, cinco ao da *direção independente* e duas ao da *contraposição na mesma direção*. Quanto aos valores semântico-argumentativos, quinze integra o *masPA*, um ao *masSN* e dois não se enquadram em nenhum desses valores.

ESQUEMATICIDADE DO COMPLEXO ORACIONAL SUBJETIVO SOB UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL

Marcela Zambolim de Moura

marcela.mzambolim@gmail.com

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

patriciafabianecunha@gmail.com

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Neste trabalho, investigamos o complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na oração matriz e por oração que funciona sintaticamente como sujeito. Adotamos o modelo cunhado como *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU), que considera que a língua apresenta natureza emergente na medida em que ela é usada. Nessa perspectiva, instâncias estruturais e cognitivas e práticas sócio-comunicativas motivam a frequente modulação da língua (OLIVEIRA, 2015). Nesse sentido, este trabalho baseia-se na abordagem construcional da mudança, proposta por Traugott e Trousdale (2013) – que confere à análise dos usos linguísticos o mesmo tratamento na dimensão da função e na dimensão da forma –, e também nas postulações de Traugott (2003, 2008a, 2008b, 2009, 2011c). Buscamos compreender como o complexo oracional subjetivo do tipo [matriz (ser + predicativo) + encaixada subjetiva] se organiza e se desenvolve na língua portuguesa. E objetivamos, mais especificamente, identificar instanciações do complexo oracional subjetivo a partir de níveis construcionais esquemáticos propostos por Traugott e Trousdale (2013), a saber, esquema, subesquema e microconstrução. Além disso, temos o intuito de descrever os padrões do complexo oracional subjetivo. Para tanto, trabalhamos com ocorrências do século XIII ao XXI, em um estudo sincrônico, com comprovação diacrônica. Os *corpora* utilizados são: “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”, projeto “NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”, projeto “CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval” e projeto “Tycho Brahe”. A pesquisa é desenvolvida com base em

uma análise qualitativa, com comprovação quantitativa, a fim de responder às seguintes questões: (i) os dados diacrônicos apresentam as mesmas características morfossintáticas e funcionais encontradas nos dados sincrônicos?; (ii) existe um alinhamento forma/função, a partir da observação diacrônica, que comprove a escolha pelo relevo do posicionamento e pela ausência de relevo no posicionamento do falante?; (iii) quais instanciações se aproximam e quais instanciações inovam a esquematicidade das orações encaixadas subjetivas?; (iv) as instanciações que inovam função e forma do complexo oracional subjetivo estão no bojo da mesma configuração esquemática das instâncias prototípicas do complexo oracional subjetivo? Até o momento, as análises indicam que: a) em relação à função, o complexo oracional subjetivo instancia o *posicionamento do falante*; b) em um nível construcional menos esquemático, o complexo oracional subjetivo instancia posicionamento modalizador ou avaliativo; c) o falante opta ainda por dar relevo ou não ao seu posicionamento, o que é observado na posição da oração matriz em relação à oração encaixada subjetiva; d) o falante modaliza seu discurso orientando seu posicionamento para o próprio discurso ou para o interlocutor; e) o falante avalia a partir de aspectos internos a ele, como emoção, estado psicológico, ou externos, como apreciação e julgamento da realidade.

AS ETAPAS DO PROCESSO DE MUDANÇA LINGUÍSTICA NAS EXPRESSÕES “DESCULPA AÍ” E “DESCULPA LÁ”

Érica do Socorro Barbosa Reis
ericareis.reis@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

O presente resumo tem o objetivo de fazer uma análise sincrônica das expressões *desculpa aí* e *desculpa lá* no Português do Brasil (PB). Essas expressões estão passando pelo processo de Mudança Linguística no que diz respeito à perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) que, por sua vez, corresponde aos contemporâneos estudos funcionalistas que tem possibilitado o desenvolvimento de uma nova abordagem denominada Construcionalização. As expressões *desculpa aí* e *desculpa lá* apresentam o tipo de construção VerboLocativo de acordo com a análise sintática, entretanto o verbo *desculpar* em contextos frequentes e atuais de uso está se descategorizando sintaticamente no momento em que este vem acompanhado dos pronomes locativos *aí* e *lá* em posição posposta ao verbo. Apesar desta pesquisa ainda está na sua fase inicial, já foram coletados alguns exemplos dessas expressões no jornal “Folha de São Paulo” nos anos de 2015 e 2016, até o momento. Exemplos como a fala de uma apresentadora de televisão em declaração a uma rede social, na qual a apresentadora foi criticada por uma foto “nudes” dela postada por ela mesma: “*desculpa aí, invejosos...*”, dentre outros exemplos encontrados até o momento, podemos afirmar que somente em situações de descrição direta da fala de alguém é que ocorre esta expressão. Até o momento, não foi encontrada a expressão *desculpa lá* nos *corpora* já consultados, vale ressaltar que estamos pesquisando, a princípio, *corpus* somente do Português do Brasil. Nos exemplos coletados até o presente estágio da pesquisa, a expressão *desculpa aí* sintática e semanticamente não nos remete a um pedido de desculpas seguido de um pronome locativo, uma vez que ela aparece como um

marcador discursivo de acordo com o contexto em que ela se encontra, neste exemplo, especificamente, pelo contexto da situação, uma das análises que pode ser feita a partir da fala da referida apresentadora é a de que esta construção apresenta outro valor semântico de caráter irônico em resposta ao público. Este contexto, então, é visto como um dos fatores principais para o processo de construcionalização, segundo os preceitos de Traugott e Trousdale (2013), uma vez que nestes estudos não se deve olhar só o item pelo contexto, mas todo o entorno linguístico que cerca aquela situação comunicativa.

O ESTUDO DA VOLIÇÃO NO VERBO LATINO *QUAERO*

Fernanda Cunha Sousa
fernanda.cunha@ufff.edu.br
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Em estudo anterior (SOUSA, 2011), verificou-se que o verbo *querer*, que se origina a partir do verbo latino *quaero*, é o mais frequente entre os volitivos do português e assume a forma prototípica para a expressão da volição em orações formadas por: verbo volitivo + V2. Mas seu antecessor latino *quaero* não está entre os volitivos descritos como mais comuns na língua latina, apesar de Saraiva (1993) apontar sentido possível como aspirar a / desejar para esse verbo. Conforme apuramos na primeira fase deste novo projeto, já na Antiguidade *quaero* podia tomar o sentido de ‘desejar, esforçar-se por’ quando acompanhado de um infinitivo, o que no período clássico se limita a certos poetas, mas logo aparece em um ou outro prosista da Idade da Prata, e torna-se habitual nos padres da Igreja e em outros autores cristãos. Assim, diferentemente do que se propunha na pesquisa realizada em 2011, o sentido de vontade e desejo de *quaero* não surge tardiamente de seu sentido mais comum em textos formais latinos (buscar), mas o oposto: latim vulgar sempre manteve o significado e sentido original, abrindo espaço para o surgimento do sentido de buscar nos textos formais e um sentido ainda mais específico de buscar a verdade em textos formais jurídicos (*apud* COROMINAS, 1954; MEILLET, 1951). Nossa proposta, nesta etapa, é comprovar essa teoria a partir da análise dos diferentes comportamentos morfossintáticos possíveis para *quaero*. Para isso, utilizamo-nos da teoria da gramaticalização, conforme Heine (2003, p. 578), Hopper & Traugott (1993), Bybee et al. (1994) e da teoria das motivações competidoras, tal como formulada em Haiman (1983, 1985), Du Bois (1985) e Givón (1995), como abordagem analítica para os usos do volitivo latino em estudo. Por assumirmos uma proposta de trabalho funcionalista, nossas análises serão pautadas nos usos encontrados e, apesar de objetivarmos a análise qualitativa, recorreremos ao levantamento da frequência simples de ocorrência de cada uma das construções em estudo por considerarmos que a análise da frequência pode atuar como um subsídio importante para atestar/elucidar a gramaticalização em processo nas construções estudadas (BYBEE, 2003; VITRAL, 2006). Assim, a fim de demonstrar que a noção de volição acompanha o verbo latino até chegar a seu sucessor português, em virtude da dificuldade de trabalho com textos em latim vulgar, trabalharemos inicialmente com um *corpus* de língua latina formado por cartas de caráter didático, escritas por Cícero, *Ad Atticum* e *De Officiis* (representando o latim clássico). Posteriormente, a esses dados serão acrescentadas análises da obra de Sêneca, com *Epistolae Morales* para obter uma

representação do latim clássico. Essa análise será, então, comparada ao resultado da análise das epístolas Santo Agostinho, com textos como a *Epistula de Libris de Civitate Dei* e de São Jerônimo, como *Ad Heliodorum de laude vitae solitariae*, *Ad Eustochium de custodia virginitatis* (representando o latim tardio). Pretendemos, assim, contribuir para discussões sobre a relação entre morfologia, sintaxe e semântica na construção do sentido verbal. Pretendemos ainda demonstrar as mudanças na língua ao longo do tempo, contribuindo para a visão dessa teoria aplicada a exemplos da variação e mudança linguística em processo, o que demonstra a dinamicidade da língua no tempo e no espaço e possibilita o vislumbre de matizes de expressividade a partir dessas escolhas morfossintáticas.

A CONSTRUÇÃO *QUER DIZER* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO, EUROPEU E AFRICANO: TENDÊNCIAS INTRALINGUÍSTICAS DE GRAMATICALIZAÇÃO?

Cristina dos Santos Carvalho
crystycarvalho@yahoo.com.br
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Construções linguísticas, aqui entendidas como unidades básicas da língua instanciadas a partir do pareamento entre forma e significado (Goldberg, 1995), independentemente de seu tamanho, tipo de conceito e grau de especificidade fonológica (Traugott & Trousdale, 2013), podem ser alvo de mudança linguística. Para Bybee (2010), novas construções são exemplares específicos de construções mais gerais existentes que assumem novas implicações pragmáticas, significados ou formas devido ao seu uso em contextos particulares. Da mesma forma, as construções gramaticalizadas, segundo a autora, surgem de construções já existentes, incorporando, todavia, um estatuto gramatical. Nessa perspectiva, a gramaticalização configura-se como uma mudança através da qual, em certos contextos linguísticos, falantes usam (partes de) construções com uma função gramatical ou atribuem uma nova função gramatical a uma construção já gramatical (Hopper & Traugott, 2003; Traugott, 2009; Martelotta, 2011, entre outros). Além do desenvolvimento de construções gramaticais, a gramaticalização também pode motivar o desenvolvimento de marcadores discursivos (Traugott, 1997; Martelotta, 2010, 2011), elementos que “veiculam estratégias discursivo-pragmáticas, indicando a atitude ou a perspectiva do falante em relação ao conteúdo transmitido ou sua preocupação com a recepção desse conteúdo pelo ouvinte” (Martelotta, 2011: 93). Independentemente da nova função - gramatical ou discursivo-pragmática - adquirida pela construção gramaticalizada, a gramaticalização, enquanto processo de mudança, ilustra não só a transição/ migração entre construções mas também a não disretude entre categorias linguísticas e, conseqüentemente, a gradiência nas línguas humanas. Um exemplo, na língua portuguesa, de construção que vem se gramaticalizando é *quer dizer*, que tem adquirido não só significados gramaticais mas também usos discursivo-pragmáticos. A partir de uma construção verbal (formada por um verbo modal e *dicendi*, respectivamente, *querer e dizer*), passando por uma locução verbal com o valor de ‘significar’, houve, no contexto morfossintático de terceira pessoa do singular, uma

reanálise de *quer dizer* em conectivos textuais e em marcadores discursivos. Como conectivo textual, *quer dizer* pode estabelecer distintas macrofunções: ratificadora ou esclarecedora (= *ou seja*); retificadora ou corretora (= *aliás*) (Dal Mago, 2001; Görki et al., 2002; Severo, 2007, entre outros). Tais macrofunções envolvem funções mais específicas, a saber, as de retomador, explicativo, conclusivo (relacionadas à ratificação de informação), atenuador, retificador de conteúdo e de forma (relacionadas à retificação de informação). Para Batoréo (2010), o emprego de *quer dizer* como conector textual constitui um caso comum de gramaticalização em distintas variedades do português. Como marcador discursivo, *quer dizer* pode exercer as funções de preenchedor de pausa (Dal Mago, 2001) e prefaciador da resposta do informante (Silva, 2014). Tendo em vista a afirmação supracitada de Batoréo (2010), neste trabalho, pretendo analisar os usos da construção *quer dizer* no português brasileiro, europeu, angolano e moçambicano com o intuito de verificar se existem, de fato, tendências intralinguísticas no que diz respeito aos graus de gramaticalização, esquematicidade e composicionalidade dessa construção. Para tanto, sigo a orientação teórico-metodológica da Linguística Funcional Centrada no Uso, partindo dos pressupostos de que (i) a estrutura linguística é criada enquanto a língua é usada e (ii) a gramaticalização é um processo que ocorre durante o uso da língua (Bybee, 2003,2010; Traugott & Trousdale, 2013). Para análise dos dados, utilizo, como amostras, textos da modalidade falada do português - brasileiro, europeu, angolano e moçambicano - contemporâneo (século XX), integrantes dos bancos de dados do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (CRPC) e do Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador (PEPP). Os resultados preliminares confirmam a existência de tendências intralinguísticas em relação à gramaticalização da construção *quer dizer* nas variedades do português examinadas.

ASSIM COMO MARCADOR DE CITAÇÃO NO DISCURSO DIRETO

Hella Olbertz
h.g.olbertz@uva.nl
Universidade de Amsterdã (UvA)

Na fala informal, é comum o uso do discurso direto para citar um outro falante. Em um fragmento do corpus PEUL de 184.351 palavras há 271 casos de *dizer* que introduzem o discurso direto e só 139 casos que introduzem o discurso indireto. O caso de *falar* é comparável: no mesmo corpus, *falar* introduz o discurso direto em 94 casos e o discurso indireto em 53 casos. Enquanto na escrita a marcação do discurso direto funciona por meio da pontuação, na fala depende sobretudo de meios prosódicos: o começo do discurso direto normalmente é precedido por uma pausa breve e o discurso citado às vezes é apresentado com propriedades prosódicas um pouco diferentes do restante do texto, dependendo – entre outras coisas – de se o falante pretende imitar ou não o falante original. Dado que pode haver muita variação nesse terreno, não é de assombrar que os falantes prefiram usar outros meios mais sistemáticos para marcar o discurso citado. Um tal meio sistemático no português do Brasil é o uso da palavra *assim*, que é precedido por uma forma finita dos verbos *dizer* e *falar*, para indicar que o que segue é um discurso direto. Refiro-me ao uso de *assim* ilustrado nos exemplos a seguir: (1) *Eu*

falei assim: “é, mas é claro! e por que não?” (PEUL, E10) e (2) *Aí, quando eu chego, diz assim: “olha, João Goulart foi deposto”* (PEUL, E32). Os marcadores de citação são um fenômeno comum nas línguas do mundo, como, por exemplo, no quechua e no mapuche (ADELAAR, 1990) e na língua nama da família khoisan (HAGMAN, 1973). A presença desses marcadores pode ser obrigatória no discurso direto como, por exemplo, em algumas línguas papua (DE VRIES, 1990), mas também existem línguas com marcadores de citações não obrigatórios, como o holandês, no qual o marcador pode seguir o verbo de comunicação e introduzir o discurso direto na fala informal (HENGEVELD, 1994), bem parecido ao uso de *assim* no português brasileiro. Dos 271 casos de *dizer* com discurso direto, há 37 casos com *assim* introduzindo a citação (13,7%), e dos 94 casos de *falar* com discurso direto, há 28 casos com *assim* (30%). Interessantemente, há poucas diferenças estruturais entre as citações diretas com ou sem *assim*, e por isso suponho que não há uma motivação semântica ou pragmática além da necessidade de marcar mais claramente o discurso direto. Tratarei o caso como uma mudança da língua em curso, da qual verificarei se é um caso de lexicalização ou de gramaticalização. Minha hipótese é que se trata de gramaticalização, porque, nessa função, a palavra *assim* não admite nenhum tipo de modificação adverbial (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

AS FACETAS CONECTIVAS DE “MESMO” EM AMOSTRA ESCRITA

Ivelã Pereira

ivelpereira@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

O tema desta pesquisa é constituído da análise de funções conectivas do vocábulo “mesmo” em uma amostra de escrita acadêmica – consistindo num recorte de um trabalho mais amplo que abarcava também outras funções desse item (PEREIRA, 2013). O objetivo principal foi mapear as categorias funcionais de *mesmo* como conectivo textual-discursivo a partir de um trabalho quantitativo, dando-lhes um olhar mais qualitativo, a fim de relacionar essas funções de conexão ao *cline* de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) – *pessoa > espaço > tempo > texto* – numa perspectiva dos estudos sobre gramaticalização. Acredita-se que tais funções sejam advindas de categorias adverbiais (temporais e reforçativas) de “mesmo” que, ao se gramaticalizarem, deram origem a essas novas funções de conexão. Como fundamentação teórica, pautamo-nos, principalmente, em Hopper (1991); Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Heine (1993), Hopper e Traugott (2003 [1993]), Kuteva e Heine (2008), Heine e Kuteva (2007), Heine e Song (2011), Neves (2000), Hintze (2003), Amorim (2009), Castilho (2010), Lopes-Damásio (2013), Felício (2008), entre outros. A metodologia de pesquisa contemplou o aspecto quantitativo – com a utilização o pacote estatístico Goldvarb (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001) – e qualitativo, sendo que o *cópus* foi constituído por 30 monografias de alunos dos cursos de Administração (entre os anos de 2004 e 2008), disponibilizadas no site da Universidade Federal de Santa Catarina. Para a análise quantitativa, levamos em conta as seguintes variáveis extralinguísticas: ‘sexo’, ‘ano de publicação do texto’ e o ‘sujeito/autor’ da monografia, além de aspectos linguísticos que nos permitiram levantar 15 categorias funcionais. Dos

972 dados de “mesmo” (também em outras funções), tinham sido observadas 6 funções mais amplas (macrocategorias de referência, reforço, concomitância, inclusão/exclusão, conexão e articulação), sendo que as funções conectivas (de concomitância, conexão e articulação) consistiram em 27% da amostra – mais detalhadamente, em 6 categorias (concomitância: 7%; articulação textual de concessividade: 1%; operador argumentativo concessivo: 10%; alternância: 3%; e explicação: 1%) –, num total de 262 dados, que foram analisados de forma mais qualitativa. Pretende-se, com esta pesquisa, traçar reflexões a partir das categorias funcionais conectivas levantadas, em articulação a *clines* de pesquisas anteriores que mostram os conectivos entrando nas línguas a partir de funções anteriormente adverbiais. Assim sendo, foram construídos dois diagramas hipotéticos de gramaticalização, com base em *clines* variados, que hipotetizam a respeito das funções conectivas na língua portuguesa.

Resumos da 3ª sessão de comunicações individuais

09 de novembro – quarta-feira – 17:30 às 18:30

CONTÍNUO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO EM ORAÇÕES HIPOTÁTICAS COM *DESDE QUE* NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Ingridy Inara Perico

ingridyperico@hotmail.com

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS/CPTL)

Este trabalho objetiva a identificação e a descrição das estruturas semânticas instauradas a partir da perífrase conjuncional *desde que* no Português contemporâneo do Brasil. Com fundamentação na postura teórico-metodológica funcionalista, sobretudo baseada em Neves (1999, 2000, 2001, 2012, 2016) e em trabalhos já desenvolvidos sobre a expressão da condicionalidade, como Hirata-Vale (1999, 2001, 2005, 2008), Ferrari (2000, 2001), Oliveira (2008, 2009b, 2011, 2012, 2014), entre outros, este estudo pretende sistematizar as funções semânticas que o conectivo *desde que* atualiza, as quais podem, de certo modo, estabelecer um contínuo semântico-pragmático entre as orações adverbiais. De acordo com Seron (2007) e Oliveira (2010, 2014), o *desde que* está em pleno processo de gramaticalização, logo pode ser utilizado em diversos contextos ou domínios cognitivos, entre eles, os de valor adverbial, como: Espaço, Tempo, Condição e Causa. Os resultados da pesquisa proposta ainda não foram, de fato, finalizados, mas

serão analisadas todas as relações semântico-pragmáticas que o conectivo *desde que* é capaz de construir em orações hipotáticas, em busca da diferenciação de parâmetros formais nas diferentes relações entre as orações, como a correlação modo-temporal e o posicionamento sintático da oração subordinada, de modo a permitir a identificação da função estabelecida através do uso e do contexto do conectivo em questão. Por sua vez, este trabalho diferencia-se dos outros estudos já realizados por incluir uma concepção específica voltada ao modo como as estruturas periféricas se organizam, ocupando-se de como estas construções podem contribuir à organização sintática das sequências, além de proporcionarem diferentes formações de acordo como o uso, intenção e contexto conversacionais. Os dados da pesquisa serão coletados na base de dados online *Corpus do Português* (FEREIRA, DAVIES, 2006). Enquanto a análise está assentada em pressupostos funcionalistas e sociocognitivistas, tal como encontrado em Sweetser (1990); Dancygier (1998); Sweetser; Dancygier (2005); Bybee (2010); Oliveira (2008; 2014); Neves (1997; 2010); Hirata-Vale (2001, 2005, 2009), entre outros. Assim, por meio deste trabalho, espera-se contribuir à sistematização funcional das orações iniciadas pela conjunção complexa em questão e também aos tipos de relações condicionais que este é capaz de construir, para, então, compreender como o *desde que* auxilia na construção da condicionalidade no Português do Brasil.

A ORDEM DE CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS TEMPORAIS NO ESPANHOL MEXICANO ORAL E SUAS MOTIVAÇÕES DISCURSIVAS, SEMÂNTICAS E SOCIAIS

Sávio André de Souza Cavalcante
savio.andrec@gmail.com
Universidade Federal do Ceará (UFC)

As Cláusulas Hipotáticas Adverbiais Temporais constituem-se como circunstantes que acrescentam especificações de localização temporal ao processo verbal (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014 [1985]). Além disso, são satélites temporais (DIK, 1989), que, por não estarem agregadas à nuclear da qual fazem parte, podem vir antepostas, intercaladas ou pospostas. Essas posições são confirmadas em dados reais da amostra escolhida para esta análise, o *Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México* (CSCM), que reúne informantes de 27 entidades, entre estados e municípios do Estado do México. Tais posições da Temporal em relação à nuclear podem constituir fenômeno de variação linguística, segundo os postulados da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1978), que enxerga a variação condicionada por fatores internos, sociais, cognitivos e culturais (LABOV, 1994, 2001, 2003, 2010). Portanto, o presente trabalho objetiva analisar, no *corpus* citado, as motivações para a ordem das Temporais em relação às variáveis *relações lógico-semânticas, funções textual-discursivas, idade e escolaridade do falante*, por procedimentos de coleta, codificação e análise estatística (*software* GOLDVARB) (GUY; ZILLES, 2007). Os resultados de 595 ocorrências apontam preferência pela anteposição (57.6%), condicionada (*versus* a posposição) por *guia* (peso relativo 0.966), *motivo* (0.673), *condição* (0.578), *escolaridade baixa* (0.617) e *média* (0.533). Quando oposta à intercalação, nenhum fator foi selecionado pelo programa estatístico. Considerando-se posposição como valor de aplicação, são

significativos, em oposição à anteposição, os fatores *proporção* (1.000), *tempo* (0.583), *concessão* (0.554), *avaliação* (0.992), *moldura* (0.902), *figura* (0.727) e *escolaridade alta* (0.643); e, em oposição à intercalação, *avaliação* (0.961), *moldura* (0.746) e *escolaridade alta* (0.630). Já a intercalação (*versus* a posposição) é condicionada pelas variáveis *guia* (0.988), *figura* (0.515), *escolaridade baixa* (0.617) e *média* (0.533), mas, oposta à anteposição, não seleciona nenhum fator. Percebe-se uma direção rumo à anteposição, já que a posição inicial serve para guiar o ouvinte (HAIMAN; THOMPSON, 1984; CAVALCANTE, 2015); e a final, para emoldurar eventos ou expressar avaliações (DECAT, 2001; CAVALCANTE 2015).

CONSTRUÇÕES CONFORMATIVAS ORACIONAIS: UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO

Myllena Paiva Pinto de Oliveira
myllenaivap@hotmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Os estudos funcionalistas têm evidenciado que o binômio subordinação *versus* coordenação não dá conta de descrever o processo de integração de orações. Isso ocorre porque o conceito de independência é discutível, é difusa a separação entre subordinação e coordenação (ABREU, 1997), as gramáticas usam orações extraídas de textos literários ou utilizam exemplos inventados, não retirados do uso (CARVALHO, 2004), entre outros pontos controversos. Nosso objeto de pesquisa, dentro desse campo amplo e profícuo de estudos, são as construções conformativas oracionais, tais como: "*No momento da ação, Mandetta teria publicado em uma rede social que 'na fronteira a chapa é quente', apagando depois a mensagem, **conforme** denunciaram entidades ligadas à causa indígena em nota pública.*" (Poli, n. 42, 2015, p. 42). As orações conformativas tradicionalmente estão inseridas no grupo das chamadas orações subordinadas adverbiais. Sobre elas há pouca informação nas gramáticas tradicionais, e em algumas delas sequer são mencionadas; em alguns casos, o estudo da noção conformativa fica restrito às conjunções conformativas, não sendo desenvolvido nas seções dedicadas às orações. Partindo de um *corpus* de língua escrita e tomando como norte os principais conectores com função conformativa – *conforme, como, segundo, consoante* (NEVES, 2000, BECHARA, 2009) –, intentamos responder a seguinte questão: as orações conformativas devem de fato ser classificadas como adverbiais? À luz dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), segundo os quais as construções lexicais e gramaticais de uma língua são determinadas por aspectos não só linguísticos, mas também sociais, cognitivos e interacionais, o objetivo é investigar, com base sobretudo na classificação de Hopper e Traugott (1997) – parataxe, hipotaxe, encaixamento –, o grau de integração desse tipo de oração, ou seja, em que ponto de aglomeração estariam as orações conformativas no *cline* proposto, contrastando-o com a proposta de descrição gramatical feita por Abreu (1997) – que tomou como base alguns critérios definidos por Haiman e Thompson (1984) – e verificar se, à luz da teoria dos protótipos, as construções conformativas não estariam mais à margem dessa classe, se comparadas aos demais integrantes. Por se tratar de uma pesquisa ainda em fase inicial, os resultados são pouco conclusivos.

CORRELAÇÃO PROPORCIONAL NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Thaís Pedretti Lofeudo Marinho Fernandes
thaisplmf@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF/Capes)

Nesse estudo, objetivamos investigar, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso, as construções correlatas proporcionais, como se instanciam, por exemplo, em (a) “Já temos voos do Ceará para a Europa e, **à medida que** o mercado vai crescendo também vamos aumentando (...)” e em (b) “Acredito no paradoxo de que **quanto mais** egoísta eu for com minha visão de arte, **mais** generoso estarei sendo.” (exemplos extraídos do *Corpus do Português*). Com base no levantamento de dados, reunimos 508 ocorrências no total e, tendo em vista o caráter heterogêneo dos conectores evidenciados em (a) e em (b), postulamos a existência de dois padrões construcionais distintos para a veiculação da ideia de proporção. A partir do conceito de esquematicidade, que agrega três níveis distintos (*esquema*, *subesquema* e *microconstrução*), apontamos que os dois padrões construcionais proporcionais configuram-se nos subesquemas *À [medida/ proporção] que X, Y* e *Quanto [int.] X, [int.] Y*. Esses subesquemas, por sua vez, licenciam algumas microconstruções, elencadas, até a presente etapa da pesquisa, da seguinte forma: duas microconstruções ligadas ao primeiro subesquema, e sete, ao segundo subesquema. Também partimos do princípio de que a proporção é codificada pelo processo de correlação, que se pauta na interdependência sintática e semântica entre as partes que a compõem, ainda que não haja a manifestação do segundo correlator introduzindo a apódose, como ocorre nos exemplares constituídos por *à medida que/à proporção que*. O tratamento empreendido nesses exemplares é voltado para a análise da telicidade do verbo, em uma integração sintático-semântica entre prótase e apódose distinta da verificada na correlação canônica, com os dois correlatores expressos. Com isso, buscamos defender a hipótese de que as construções proporcionais, em suas distintas formas até então verificadas, são estruturas correlatas, podem ser representadas por uma esquematização mais abstrata e apresentam usos bastante produtivos na língua, o que salienta a necessidade de estudos voltados para esse tema.

DESENVOLVIMENTO DAS CAPACIDADES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS EM UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DO ARTIGO DE OPINIÃO

Tânia Cristina Apolinário Santos
tania-apolinario@bol.com.br
Universidade de Taubaté (UNITAU)

Este artigo trata-se uma transposição didática, em que uma professora de ensino fundamental II, partiu de um conjunto de conhecimentos científicos e práticos para a elaboração de uma sequência didática (ou módulo didático, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para Língua Portuguesa) destinada ao ensino-aprendizagem do gênero artigo de opinião. Compreendemos por transposição didática o conjunto das transformações que ocorre, invariavelmente, num específico grupo de conhecimentos científicos, com o objetivo de ser ensinado, provocando, imprescindivelmente, determinadas rupturas, deslocamentos e transformações diversas nesse grupo de conhecimentos, e não simplesmente como aplicação de uma teoria de referência qualquer. A base teórica geral concentra-se no interacionismo sócio-discursivo, proposto pelos pesquisadores de Genebra, explicitado em Bronckart (2003) e baseado em três grandes autores: Vigotski, Bakhtin e Habermas. De acordo com esse interacionismo, na ontogênese humana, as produções de linguagem e as atividades do ambiente social desempenham um papel central, pois são elas que encaminham o desenvolvimento humano na direção de um pensamento consciente. No quadro dessas atividades sociais de linguagem e no quadro de uma formação social, desenvolvem-se as ações de linguagem dos indivíduos particulares. Considerando os resultados sobre a aprendizagem da produção de textos, a elaboração da sequência didática mostrou-nos que, conforme sua estruturação, mais que levar o discente à maestria de um determinado gênero, ela pode encaminhá-lo à percepção e à apropriação de certos procedimentos (ou de certas operações de linguagem), imprescindíveis à produção de qualquer gênero, o que pode contribuir para desenvolver sua capacidade de, sozinho, apreender as dimensões constitutivas de um texto que devem ser analisadas e observadas quando se depara diante do desafio de produzir um texto pertencente a um gênero que não lhe foi ensinado formalmente. Conclui-se que o presente trabalho alcançou resultados positivos em relação à transposição dos conhecimentos científicos para conhecimentos a serem ensinados. Resta-nos agora verificar os resultados concretos da aplicação da sequência didática, com a avaliação da professora e estudantes, e com a análise das produções dos estudantes e das capacidades que foram efetivamente desenvolvidas, o que nos permitirá chegar a uma avaliação mais ampla de todo o trabalho desenvolvido.

A COMPETÊNCIA IV EM TEXTOS PRODUZIDOS POR ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO

*Cleuza Cecato
cecato.cleu@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*

Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação. Essa é a síntese que norteia a aplicação da competência IV para a produção e correção de textos do Enem, divulgada pelo Guia do Participante, em duas edições (2012 e 2013). No entanto, a harmonia entre o conhecimento dessa competência e sua aplicação pelos estudantes ao elaborarem seus textos ainda está em construção. Partindo dessa constatação, o presente trabalho se concentrou na análise dos recursos de coesão textual que aparecem nos textos dos alunos concluintes de Ensino Médio e na proposição de algumas ações para as aulas de Produção Textual, a fim de auxiliar

professores e alunos na diversificação de estruturas para a produção escrita. Para tanto, foram utilizados vinte textos produzidos por estudantes da terceira série do Ensino Médio, simulando as mesmas condições da avaliação oficial do Enem. As produções foram analisadas tomando-se como referência a proposta de Irandé Antunes, segundo a qual “uma ação linguística não se faz apenas com gramática, ou apenas com léxico [...], mas com análises que incidam sobre questões da construção coesa, coerente e relevante de textos, o que, naturalmente inclui contexto, texto, léxico e gramática.” Com base nessa proposição, buscou-se responder a três questões específicas: 1. Quais são os recursos disponíveis para a construção, o desenvolvimento e a amarração do texto? 2. Que ações de ligação precisam ser mobilizadas para compor um texto dissertativo-argumentativo com as características do Enem? 3. Como escolher as melhores sequências para organizar as relações entre parágrafos, períodos, orações e palavras? Em colaboração com essa perspectiva proposta para a leitura dos textos, foram aplicadas também as qualidades discursivas de Paulo Guedes: unidade temática, objetividade, concretude e questionamento, observando-se ainda a diferenciação entre os tipos de nexos textuais empregados, distinguida por Halliday e Hasan. Por fim, como fechamento para essa análise, foram propostas algumas reflexões e exercícios de reescrita textual que podem colaborar para a melhor elaboração e percepção de avaliação dos textos produzidos em condição e com finalidades semelhantes.

ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL DA JUNÇÃO EM TEXTOS ACADÊMICOS

*Wellington Vieira Mendes
wvmendes@hotmail.com*

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

A observação do modo como se organizam os textos acadêmicos permite o entendimento dos mecanismos de construção dos sentidos nos diferentes estratos dos sistemas discursivos. Além das características lexicogramaticais que se configuram na superfície dos textos, o reconhecimento dos contextos em que são produzidos possibilita também compreendê-los como sendo resultantes de processos de construção de sentidos complexos e articulados nesses sistemas, tal como definido pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Este estudo se filia aos modelos de sistemas discursivos propostos por Martin e Rose (2007), aos estudos de coesão desenvolvidos em Halliday e Hasan (1976) e à gramática sistêmico-funcional de Halliday e Matthiessen (2014). O foco e escopo do trabalho é o fenômeno da junção com marcadores explícitos – aqui concebida como diferentes realizações da lexicogramática que, independentemente de seu estatuto ou extensão, atuam na confluência de complexos oracionais. Neste caso específico, o interesse se volta aos textos produzidos por graduandos e pós-graduandos em Letras, a fim de: (i) identificar as relações de junção em textos acadêmico-científicos produzidos por estudantes de graduação e de pós-graduação; (ii) comparar os usos das relações de junção entre os textos produzidos por estudantes de graduação e pós-graduação; (iii) apresentar uma tipologia das relações de junção em textos acadêmico-científicos de língua portuguesa, segundo a abordagem sistêmico-funcional. Para atendimento destes objetivos, a pesquisa analisa um *corpus* de 9,8 milhões de palavras composto por

artigos, monografias, dissertações e teses da área de linguística. Os dados foram recenseados com apoio de ferramentas disponíveis nas aplicações do *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012), especificamente no tratamento quantitativo de amostras. À guisa de resultados, é possível indicar que a junção com marcador explícito se situa com maior recorrência nos textos de graduandos, mas colabora, indistintamente nos trabalhos de graduação e pós-graduação, para a construção de sentidos no discurso porque configuram relações e atividades dentro do próprio texto e para além dele, tanto pelas passagens argumentativas de um tópico a outro, como pelo emprego de recursos como metáfrase, transposição e/ou ampliação de sentidos quando esses componentes funcionais semânticos apontam para a experiência ou ideação e, noutros casos, para a organização sequencial do texto.

O FENÔMENO DA FUTURIDADE NO PORTUGUÊS DO BRASIL: A DIFERENÇA DE SIGNIFICADO ENTRE AS FORMAS DE EXPRESSÃO DE FUTURO SOB A ÓTICA DE UM CONCEPTUALIZADOR

Robson Borges Rua
robson.rua.ufpa@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF/CAPES)

O presente trabalho tem como ponto de partida a discussão em torno da futuridade no Português do Brasil (PB), sob o escopo das três formas de expressão de futuro mais recorrentes nesse idioma: *presente do indicativo*, *futuro simples* e *futuro perifrástico*. Uma pesquisa dessa natureza visa a observar os contextos de interação em que estas expressões são empregadas, e objetiva, sobretudo, identificar possíveis nuances de significados que possam existir entre elas. Com o intuito de encontrar respostas para esta questão, recorreu-se ao arcabouço da Linguística Cognitiva, em especial aos estudos de Goldberg (1995, 2006), acerca do princípio da não sinonímia, e aos estudos de Langacker (1991, 2008), nos quais, respectivamente, são abordadas a noção do modelo do momento evolucionário, o qual contempla dois tipos de realidade: potencial e projetada, e a noção de *construal*, que elabora um significado linguístico a partir da perspectivação de um conceptualizador. Para tal, selecionou-se dados sincrônicos do PB, extraídos de cinco jornais digitais do país. Nesta pesquisa priorizou-se a modalidade escrita, uma vez que a forma canônica de futuro (futuro simples) ainda figura com notável frequência. Em termos de análise, adotou-se dois parâmetros: *atividade programada* e *certeza epistêmica*, a fim de verificar a diferença entre as formas de expressão de futuro em estudo, no que concerne aos fatores semânticos e pragmáticos. Os resultados desta pesquisa demonstraram que em termos de: (i) atividade programada, a forma de expressão de futuro que apresentou maior percentual nesse parâmetro foi o presente do indicativo, com 100%, ao passo que o futuro simples e o futuro perifrástico, apresentaram, respectivamente, um percentual de 62% e 50%; (ii) certeza epistêmica, os registros percentuais são semelhantes, em que o presente do indicativo apresentou um índice percentual de 96%, o futuro simples 66% e o futuro perifrástico 57%. Assim, constatou-se que a forma de expressão que apresenta maior grau de certeza, por parte do conceptualizador, é o presente do indicativo. Deve-se ressaltar que em ambas as formas de expressão de futuro, o conceptualizador expressou

certeza ao noticiar uma informação, porém, neste trabalho focalizou-se o grau de certeza. Além disso, ressalta-se também que estes resultados foram obtidos por meio de uma análise que priorizou a modalidade escrita. Logo, não se descarta a possibilidade da existência de outros resultados em relação à modalidade oral.

CONEXÃO DE ORAÇÕES PARATÁTICAS EM LIBRAS: EM BUSCA DE ADEQUAÇÃO DESCRITIVA

Jair Barbosa da Silva
jair.silva@fale.ufal.br
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
João Paulo Ampessan
joamp29@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Estudo descritivo acerca das orações paratáticas em Libras, pontualmente aquelas estruturadas pelo encadeamento de duas sentenças simples que demarcam um evento seguido de outro. Com o advento dos cursos de Letras-Libras, a partir de 2006 no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais – Libras – passa a ter espaço nas pesquisas voltadas para a descrição e análise linguística, embora isso ainda tenha sido feito de modo bastante embrionário, sobretudo, quando se trata de orações complexas. Partindo de um visão funcionalista da linguagem, em que esta é concebida “como um instrumento de comunicação e de interação social e o estabelecimento de um objeto de estudos baseado no uso real, o que significa não admitir separações entre sistema e uso” (PEZATTI, 2006), esta pesquisa tem por objetivo descrever como as orações paratáticas em Libras se conectam. Ao passo que em línguas de modalidade oral, a exemplo do Português, a coordenação de orações se apresenta basicamente de dois modos: com a presença de conjunção (coordenada sindética, em termos tradicionais) e sem a presença de conjunção (coordenada assindética), em línguas de sinais parecem haver outros mecanismos para coordenação de orações. Trata-se de um estudo piloto em que, inicialmente, foram escritas cinco orações complexas em Português e, em seguida, pediu-se a um surdo fluente em Libras para passá-las para esta língua. O sujeito surdo, então, sinalizou as cinco orações, as quais foram registradas em vídeo e transcritas para Libras. Considere-se em Português o seguinte caso: (1) João comeu o bolo e foi dormir, em que a oração (i) *João comeu o bolo* conecta-se à (ii) *[João] foi dormir*, por meio do conectivo “e”, o qual estabelece entre ambas relação semântica de acréscimo de informação ou de adição, como preveem as gramáticas tradicionais. Já em Libras, para se dizer essa mesma informação, obteve-se a seguinte produção pelo sujeito surdo: (2) BOLO, JOÃO COMER, PRONTO, IR DORMIR. Em Libras, o modo de estruturar as orações complexas do tipo paratática é bastante distinto do Português: primeiro, há uma forte tendência a se fazer construções do tipo tópico-comentário, como ocorre em (2), depois, as tradicionais conjunções aditivas não são marcadas na língua, havendo em seu lugar movimentos cadenciados de cabeça e de tronco com função gramatical de articular orações. Aí reside grande desafio para as descrições gramaticais das línguas de sinais, não apenas da Libras, pois há grande número de informações gramaticais que são veiculadas por meio das Expressões Não Manuais (ENM), tais como arqueamento ou

abaixamento de sobrelhas, inflar de bochechas, movimento de cabeça e de tronco, dentre outros. Embora se trate de um estudo controlado em termos de usos linguísticos, foi necessário para que se possa partir para a próxima etapa: descrição das orações paratáticas em narrativas espontâneas.

ANÁLISE FUNCIONALISTA DAS CLÁUSULAS COMPARATIVAS EM MANUAIS DE PL2E

*Luiz Herculano de Sousa Guilherme
luizherculano@yahoo.com.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)*

Rodrigues e Tota (2013) apresentam uma análise da sintaxe das orações comparativas em livros didáticos de língua materna em que verificaram que 1) a ideia de comparação não é expressa apenas pelo que a escola denomina oração comparativa; 2) um mesmo conector pode veicular mais de uma noção, sendo no discurso, muitas vezes, que as relações são desveladas; 3) existem estruturas comparativas correlatas; 4) os conectores comparativos previstos pela tradição gramatical não contemplam todos os usos da língua. Este trabalho motivado pelo estudo de Rodrigues e Tota (2013) pretende investigar a utilização que os manuais de ensino de Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E) dão às orações comparativas, utilizando como base teórica a visão funcionalista acerca da língua em uso e os estudos de Neves (1997) no funcionalismo; Rodrigues (2001; 2009) sobre as construções comparativas; Almeida Filho (1993) e Júdice & Trouche (2005) sobre o ensino de PL2E. Desse modo objetiva-se identificar os tipos de orações comparativas presentes nos manuais de PL2E, bem como os itens lexicais que introduzem cada uma dessas estruturas. Parte-se da hipótese de que o domínio da comparação sintática propicia ao estudante estrangeiro um domínio de estruturas mais complexas do Português e, por isso, deseja-se saber se esta possibilidade se faz presente nos manuais por eles utilizados. Portanto, espera-se que este trabalho possa contribuir para a caracterização das estruturas em língua portuguesa que expressam a relação de comparação visando o ensino de PL2E.

Resumos da 4ª sessão de comunicações individuais

09 de novembro – quinta-feira – 11:00 às 12:30

DE TEMPO A CONTRASTE: GRAMATICALIZAÇÃO DE (NO) ENTANTO

Priscila Thaiss da Conceição de Medeiros
pri_thaiss@yahoo.com.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Ao longo dos anos, tem-se buscado entender como diversos elementos da gramática surgem e se desenvolvem. Dentre eles, destacam-se os conectores interoracionais. A evolução desses elementos tem sido um campo fértil para a verificação de hipóteses, principalmente a que propõe a trajetória [-subjetivo] a [+subjetivo] (Traugott e König, 1991; Traugott, 1995; Lee, 2006), durante o processo de passagem de elemento lexical a elemento gramatical. Nesta comunicação, focalizamos a construção (nos termos de Bybee, 2010) *(no) entanto*, buscando identificar os contextos que permitiram o seu desenvolvimento como conector contrastivo. Partimos da hipótese de que o valor contrastivo deriva de empregos mais objetivos, como o temporal. Essa hipótese é verificada através de uma análise de dados dos períodos medieval e clássico da língua portuguesa e do período contemporâneo da variante brasileira do português. A partir da análise de textos representativos dos séculos XIII a XXI, mostramos que *(no) entanto* percorreu a trajetória advérbio temporal > conector temporal > conector contrastivo, partindo então de um conceito mais concreto para outro mais abstrato. O processo de subjetivização pôde ser observado também no aumento de usos de *(no) entanto* no domínio epistêmico (Sweetser, 1990) nos séculos XX e XXI. Mostramos ainda que, diferentemente do esperado, a mudança semântica de *(no) entanto* observada é independente da sua coocorrência com outros elementos contrastivos na oração, contradizendo, em princípio, uma hipótese de ação de um processo metonímico. Contudo, é significativa a ocorrência de *(no) entanto* em pontos do discurso no qual o contexto que o antecede é marcado por polaridade negativa, podendo ser essa a motivação para a emergência do sentido contrastivo do qual este elemento se investiu no português contemporâneo. Com a análise dos dados, evidenciamos, ainda, a expansão dos usos de *(no) entanto*, principalmente com relação ao tipo de processo verbal codificado pela oração em que a construção está presente. Inicialmente mais restritos a orações que codificam processos materiais, mentais e relacionais, *(no) entanto* se estende, gradativamente, a orações com processos existenciais e comportamentais.

O CONECTIVO “QUE” NO PORTUGUÊS POPULAR DE TEJUCUPAPO-PE

Emanuel Cordeiro da Silva
emanuel_cord@yahoo.com.br
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
Cleber Alves de Ataíde
cleberataide@gmail.com
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Esta pesquisa tem por objetivo investigar o item “que” como conectivo no português popular. Para isso, observou-se o seu funcionamento como articulador oracional no português popular de Tejucupapo-PE. A variedade linguística escolhida é representativa da norma popular da língua portuguesa falada dentro de uma comunidade antiga, tradicional e rural do estado de Pernambuco. Compõem o *corpus* dados de fala produzidos por 10 falantes não-escolarizados. A seleção dos informantes obedeceu aos quatro seguintes critérios: *idade, escolaridade do falante, escolaridade dos pais do falante e tempo de permanência fora de comunidade*. Cada entrevista gravada tem duração mínima de 01 hora e 30 minutos. Todo o material totaliza aproximadamente 21 horas e 30 minutos de gravação. Para a realização do trabalho de transcrição dos dados, foram adotadas as normas utilizadas no âmbito do Projeto Vertentes (LUCCHESI, 2014). Como recorte de análise, foram verificadas as ocorrências do “que” em dois contextos sintáticos: na função de complementizador e na função de conjunção adverbial. À investigação interessou realizar uma análise-interpretação qualitativa dos dados, embora resultados quantitativos tenham sido considerados. No que diz respeito à fundamentação teórica, a pesquisa segue uma orientação funcionalista. Sendo assim, a combinação de orações é vista sob uma perspectiva escalar da integração sintático-semântica, tal como postulam Givón (1980; 2001), Cristofaro (2003), Hopper; Traugott (2003), entre outros. É admitido como motivação cognitivo-funcional o princípio icônico de proximidade (GIVÓN, 2001; CRISTOFARO, 2003; CEZARIO, 2004; entre outros). No dialeto estudado, verificou-se a alta frequência de uso do item “que” nos dois contextos sintáticos observados, apesar de sua presença como complementizador ser dispensada nos graus mais elevados de subordinação, o que se justifica pela forte atuação do princípio icônico de proximidade. Verificou-se ainda que a clássica separação das partículas “que” e “se” em, respectivamente, subordinadora de completiva não hipotética e subordinadora de completiva hipotética, segundo determinados autores (CASTILHO, 2012; SOUSA, 2007; entre outros) com origem na língua latina, não é atestada nos dados de língua investigados.

Palavras-chave: Funcionalismo; combinação de orações; conectivo “que”; português popular de Tejucupapo.

OS CONECTIVOS E AS CIRCUNSTÂNCIAS SEGUNDO OTHON M. GARCIA

André Nemi Conforte
andreconforte@yahoo.com.br
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

O livro *Comunicação em prosa moderna*, cuja primeira edição data de 1967, representa um marco nos estudos textuais em terras brasileiras. Na obra, seu autor, Othon Moacyr Garcia, introduz-nos conceitos e abordagens até então praticamente desconhecidos entre nós, como o *paralelismo sintático*, a *teoria do parágrafo como unidade de composição*, o *tópico frasal*, o estudo da sintaxe por meio das relações semânticas da frase etc. Dentre as abordagens, destacamos, para os fins de nossa comunicação oral, a que dá conta do emprego dos chamados conectivos, até então apresentados nas gramáticas

como listas fechadas de conjunções, preposições, advérbios etc. Ao adotar o método dedutivo no lugar do indutivo como forma de abordagem, Garcia nos apresenta as macrorrelações semânticas (causa, tempo, oposição, comparação) e suas variações (consequência, finalidade, conclusão, proporção etc.), e os diferentes torneios sintáticos que podem expressar essas circunstâncias. Em outros momentos da obra, o autor chama atenção para as chamadas *partículas de transição*, antecipando conceitos que viriam a ser tratados nos estudos posteriores de Linguística Textual, como os de coesão sequencial e coerência textual. Nosso objetivo, portanto, é avaliar, de forma crítica, o pioneirismo de Othon M. Garcia, em diversos pontos de sua obra capital, no que respeita ao emprego destes elementos indispensáveis à elaboração do texto e aos estudos textuais. Nossa fundamentação teórica e metodológica consistirá numa abordagem descritiva e crítica, a partir do ponto de vista dos estudos gramaticais tradicionais, bem como dos estudos de Linguística Textual, da exposição didática que o autor faz, na obra supracitada, das circunstâncias e do emprego dos conectivos. Os resultados parciais deste estudo são apresentados em nossa tese de doutorado intitulada “A esfinge clara em prosa moderna: a contribuição de Othon M. Garcia aos estudos linguísticos, textuais e literários” (CONFORTE, 2011). Nesse trabalho, defendemos a ideia, e ainda a sustentamos, de que o estudo de Garcia é um trabalho pioneiro e de fundamental importância para o estudo dos conectivos em português, e o método por ele empregado tem exercido grande influência sobre o trabalho de diversos autores, como Azeredo (*Gramática Houaiss da Língua portuguesa*, 2008), entre outros.

CIRCUNSTÂNCIA TEMPORAL CODIFICADA POR JUSTAPOSIÇÃO E POR HIPOTAXE EM ROMANCES DE FOLHETO DE LEANDRO GOMES DE BARROS

*Marcelo da Silva Amorim
marcsamorim@gmail.com*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

*Aline Priscilla de Albuquerque Braga
alinepalbuquerquebraga@gmail.com*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/CNPq)

Com este trabalho, pretendemos apresentar uma análise quantitativa e qualitativa acerca da circunstância de tempo manifestada tanto através de justaposições entre cláusulas quanto por meio da combinação por hipotaxe, em um material constituído por 5 romances de folheto de autoria do cordelista paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918). Nosso objetivo será contrastar as diferentes funções obtidas ao se “escolher” manifestar a circunstância temporal por meio de um modo de articulação ou de outro. Entre outros pressupostos apresentados pelo Funcionalismo Linguístico de orientação norte-americana, seguiremos o princípio semântico da ordem linear apresentado por Givón (1994, p. 54), que afirma que a ordem das cláusulas num discurso coerente tenderá a corresponder à ordem temporal da ocorrência dos eventos descritos. Dessa maneira, perceber-se-á que a função precípua envolvida nas relações paratáticas entre sentenças constitui-se em codificar a linearidade cronológica, ao passo que as funções de anterioridade, simultaneidade e posterioridade ficarão mais ao

encargo das relações hipotáticas. Como resultado, poder-se-á notar, além das já apontadas funções, uma possibilidade de colaboração mais efetiva do interlocutor na justaposição, já que, mediante a ausência de juntor segmental, este processo envolve um esforço maior no cálculo do nexos lógico entre as sentenças (LONGHIN-THOMAZI, 2013). Assim, na restauração dos sentidos cronológicos codificados na justaposição, é necessário, mais do que nunca, mobilizar inferências com maior frequência, já que outras circunstâncias (como a de causa, consequência, condição, modo, dentre outras) poderão competir e/ou ocorrer simultaneamente com a de tempo. Apesar de também possível na hipotaxe, a competição de circunstâncias possíveis aqui é, em grande medida, controlada pelo conectivo explícito, que encaminha a leitura do vínculo interclausular para certos valores paradigmaticamente prestabelecidos no léxico. Assim, enquanto elemento sempre indispensável para o estabelecimento da interação, o leitor, no caso da justaposição, passa a cooperar de forma mais ativa para própria constituição de sentido do texto.

AS CONSTRUÇÕES CORRELATIVAS COM “SE... VERBO SER + PORQUE” SOB UMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

Renata Margarido
renatamargarido@usp.br
Universidade de São Paulo (USP)

Neste trabalho, investiga-se o funcionamento sintático, semântico e pragmático das construções do tipo “se... verbo ser + porque” com base na teoria funcionalista da linguagem, a qual postula a não autonomia da língua (GIVÓN, 1995), levando em conta a situação de interação em que são produzidos os enunciados linguísticos (DIK, 1997). Para tal investigação, selecionam-se entrevistas jornalísticas (do português contemporâneo), pois estas trazem natureza interativa, possibilitando a análise dos usos efetivos das estruturas com “se... verbo ser + porque”, que se revelam também de caráter interativo. Utiliza-se, ainda, o “Corpus do Português” (organizado por Mark Davies e Michael J. Ferreira), que, por trazer dados em uma diacronia, contribui para o exame da formação sintática da construção que é aqui objeto de estudo. No que concerne ao exame dos dados, de natureza quantitativa e qualitativa, verificam-se: i) o processo sintático presente na estrutura “se... verbo ser + porque”; ii) os valores semânticos da oração com *porque* (causa / conclusão); iii) os sentidos da oração condicional (fato / hipótese); iv) a relação entre os sentidos da oração condicional e os tempos verbais; v) as sobreposições de sentidos na construção em pauta (como condição e tempo; causa e conclusão); vi) os tipos de tópicos presentes na oração condicional; vii) as funções da focalização operada pelo verbo *ser*. Os principais resultados alcançados mostram que nas construções com “se... verbo ser + porque”: i) o bloco “verbo ser + porque”, por meio do processo de reanálise, está se cristalizando, formando par correlativo juntamente com a conjunção *se*; ii) a oração condicional indica fato ou hipótese, mas não é pertinente estabelecer uma dicotomia rígida entre a factualidade e a hipoteticidade, pois o tempo verbal expresso na segunda oração, por exemplo, pode conferir certa “factualidade” ao segmento condicional hipotético da primeira oração; iii) pode ser manifestada a noção de habitualidade, mais especificamente, nas construções

hipotéticas; iv) há, muitas vezes, fluidez semântica, com a apresentação dos valores de causa e de conclusão; v) notou-se que a leitura causal não se limita a uma mera relação entre causa e consequência, pois há casos em que se expressa, em um sentido mais estrito, uma conexão entre “motivação” (QUIRK *et al.*, 2008) e ação, sendo a ação intencional ou não intencional; vi) verificou-se que dois tipos de conclusão podem ser expressos, a “dedução” ou a “abdução” (ECO, 2000; DOUVEN & VERBRUGGE, 2000); vii) a oração condicional atua como tópico, trazendo resumo, paráfrase, contraste ou exemplificação; viii) o verbo *ser* funciona como focalizador, tomando como escopo a segunda oração da correlação e trazendo, muitas vezes, informação nova; ix) nos casos de informação nova, o segmento focalizado pode trazer informação requisitada pelo interlocutor, com, por exemplo, indicação de discordância do locutor em relação ao posicionamento adotado pelo interlocutor, e, nas situações de informação dada, a oração focalizada exhibe, por exemplo, a reformulação de conteúdo explicitado anteriormente ou a reiteração de um ponto de vista que o locutor pretende valorizar sobre determinada questão colocada em discussão. A partir desses resultados obtidos, é possível estimular reflexões sobre questões que ainda não representam consenso entre gramáticos e linguistas, como o processo sintático da correlação. A observação da estrutura “*se... verbo ser + porque*” pode contribuir para o reconhecimento, por exemplo, da heterogeneidade da natureza das construções correlativas. O exame das construções em pauta também pode contribuir para que seja questionada a atribuição de conceitos generalizantes pelas gramáticas tradicionais às orações condicionais e às orações causais, que não estão de acordo com seu uso efetivo.

ANÁLISE FUNCIONAL DOS CONECTIVOS EM VEZ DE E AO INVÉS DE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Idrissa Ribeiro Novo
idrissa_novo@hotmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Colégio Pedro II (RJ)

Um dos campos mais profícuos no âmbito das pesquisas funcionalistas é o estudo da gramaticalização dos elementos de conexão entre as orações. Enquadrada em uma abordagem relacionada às concepções teóricas da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), esta comunicação destina-se, particularmente, à análise de dois conectivos – *em vez de* e *ao invés de* – e, por conseguinte, das orações instanciadas por ambos. No que diz respeito a dois dos parâmetros de TRAUOGOTT; TROUSDALE (2013) – composicionalidade, esquematicidade e produtividade –, tais conectivos são: 1) pouco composicionais já que são interpretadas como *chunckings* (resultantes do amálgama de preposição + nome + preposição); e 2) pouco esquemáticas já que seus *slots* são preenchidos. A partir do *cline* proposto por HOPPER; TRAUOGOTT (1993) *apud* CEZARIO; CUNHA (2013), para quem há basicamente três processos de combinação de orações, propõe-se que as orações instanciadas pelos conectivos mencionados pertençam ao modo hipotático e denotem os valores semânticos de oposição e/ou substituição, levando em consideração que este último não é contemplado no quadro oracional das gramáticas tradicionais (CUNHA; CINTRA, 2007, BECHARA, 2009,

ROCHA LIMA, 2001). A análise preliminar do conectivo *ao invés de* no *Corpus* do Português, no século XX, permite a conclusão de que as orações iniciadas por este conectivo também instanciam o valor de substituição, e não apenas de oposição, como tentam evidenciar as abordagens tradicionais. O valor de oposição confirma-se em raros casos de comparação contrastiva (LOPES; SOUZA: 2014), em que uma característica ou ação de um item do primeiro enunciado da construção é contrastada com uma característica ou ação de um item do segundo enunciado. Com relação à mobilidade posicional dos conectivos, no que se refere à produtividade, *em vez de* aparece com mais frequência em início da proposição e, *ao invés de*, no meio da asserção. Pelo fato de a pesquisa ainda estar em fase inicial, os resultados obtidos são escassos e estão abertos a futuras interpretações.

ANÁLISE FUNCIONAL DAS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Elen da Paixão Garin Borges
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Objetivamos pesquisar as construções comparativas devido a algumas lacunas detectadas na exposição desse tema por parte das gramáticas tradicionais de língua portuguesa. Dentre os pontos verificados, defendemos que restringir a comparação à categoria adverbial, como tem sido feito pelos gramáticos, não dá conta da linguagem em uso. Diante disso, o trabalho proposto intenta observar o comportamento desses tipos de construções, tomando por base a abordagem funcionalista centrada no uso. Pretende-se, através de um *corpus* de língua escrita, de base sincrônica, na variedade do português do Brasil, analisar os diferentes níveis de integração sintática entre as orações comparativas, questionando o tratamento uniforme que esses tipos de combinações têm recebido dentro da abordagem tradicional. Pretende-se investigar, ainda, até que ponto as construções comparativas instanciadas por elipse podem ser consideradas oracionais ou não. Os resultados da pesquisa são pouco conclusivos por se tratar de um estudo ainda em fase inicial.

ARTICULAÇÃO SINTÁTICA E INFORMACIONAL DAS CLÁUSULAS RELATIVAS NA FALA ESPONTÂNEA DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Cryсна Bonjardim da Silva Carmo
crysnabonjardimsc@gmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

A relativização clausal é uma estratégia semântico-linguística que permite às línguas naturais restringir/delimitar uma referência. Na maioria das línguas naturais, a cláusula

relativa apresenta um correlato formal. É o caso do português do Brasil (PB), cujo padrão sintático é pós-nominal: a cláusula relativa segue o N antecedente e essa relação é estabelecida pelo pronome relativo *que* – “...N[QUE + verbo finito]_{SAdj}...”. Contudo, na fala espontânea é preciso considerar a estrutura informacional do enunciado e o domínio de restrição da relativa *que*, instaurado por expressões linguísticas na sintaxe, atua no nível semântico-referencial. Diante desse contexto, o presente estudo objetiva: (i) descrever as cláusulas relativas na fala espontânea do PB; (ii) estabelecer uma distinção semântico-cognitiva entre relativas restritivas e não-restritivas via mecanismos linguísticos; (iii) propor uma definição para a relativização clausal que tenha como um dos fundamentos a informação prosódica. Para tanto, esta pesquisa adota uma abordagem empírica de pesquisa, nos termos da Linguística de *Corpus* (MELLO, 2014). O corpus utilizado é o C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012), especificamente o seu minicorpus – etiquetado informacionalmente. Esse minicorpus está disponível na plataforma DB – IPIC (PANUNZI & GREGORI, 2011). O arcabouço teórico que sustenta esta pesquisa vem dos postulados da *Teoria da Língua em Ato* (L-AcT, CRESTI, 2000, MONEGLIA; RASO, 2014) e do *Fenômeno do Escopo Semântico* (BARKER, 2015; NEGRÃO, 2003; SZABOLCSI, 2000). A L-AcT é uma extensão da *Teoria dos Atos de Fala* (AUSTIN, 1962) e caracteriza-se como uma teoria *corpus-driven* que estuda a modalidade falada com ênfase na dimensão prosódica. Essa teoria postula o enunciado como a unidade de referência da fala, ou seja, como a menor unidade linguística pragmaticamente autônoma e que corresponde a um ato de fala. Para a L-AcT, as relações de dependência estabelecidas pela sintaxe podem ser alteradas pela estrutura informacional da prosódia, ou seja: na articulação informacional, a sintaxe está restringida aos limites das unidades informacionais delimitadas pela prosódia, configurando-se assim em ilhas sintático-semânticas. Já o fenômeno do Escopo semântico, neste estudo, é definido nos termos de um *conjunto virtual de elementos semelhantes* que é estabelecido, via mecanismos de inferência, por meio de expressões linguísticas que, na superfície sintática, delimita ou restringe uma referência. A relação referencial, portanto, não se dá numa dimensão sintática linear, mas cognitiva, não linear. No contexto do minicorpus, os resultados demonstram que: (i) na fala espontânea informal o “que” funciona como o único conector de relativização; (ii) os conectores das cláusulas relativas na fala espontânea informal parecem ser obrigatórios, contudo sua função é distinta: na relativa restritiva, que ocorre linearizada sintaticamente, o conector converte a relativa em um termo sintático adjunto do N antecedente; ao passo que na relativa não-restritiva, que ocorre padronizada sintaticamente, o conector apenas recupera anaforicamente o conteúdo semântico do N para a cláusula relativa (e, em princípio, poderia ser omitido uma vez que uma relação de justaposição é suficiente para qualificar o N antecedente sem restringi-lo); e por fim, (iii) considerando a estrutura informacional e o domínio de restrição da relativa, somente as restritivas, que ocorrem linearizadas na fala, estabelecem um conjunto virtual de elementos semelhantes subjacente para sua interpretação; ao passo que as não-restritivas, que ocorrem padronizadas no enunciado, não o fazem. Diante desse último achado, esta pesquisa assume que apenas as restritivas são instâncias de relativização, uma vez que a sua condição de verdade pode ser atestada a partir da inferência do conjunto virtual. Já as não-restritivas possuem uma semântica distinta, apesar de apresentarem uma estrutura sintática semelhante à das relativas verdadeiras. Nesses termos, são definidas como *cláusulas informativas*.

CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS EM PORTUGUÊS E DESGARRAMENTO

Violeta Virginia Rodrigues

violetarodrigues@uol.com.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Aline Ponciano Silvestre

alineponciano@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro (PG/UFRJ)

Com base em Decat (2011), consideram-se *desgarradas* as cláusulas que ocorrem isoladas como enunciado independente ou de “maneira solta”, sem vínculo com a oração nuclear, fenômeno que a autora denominou de *desgarramento*. Sendo assim, o principal objetivo deste trabalho é mostrar principalmente o uso *desgarrado* de cláusulas que se combinam umas com as outras por hipotaxe e que, na perspectiva funcionalista, envolve as adverbiais e adjetivas explicativas da Gramática Tradicional (GT). Na articulação ou combinação, as cláusulas não estão sujeitas à integração sintática, ou seja, não são constituintes de outra, pois se relacionam com o aspecto organizacional do discurso. Portanto, cláusulas combinadas podem modificar ou expandir, de alguma forma, a informação contida em outra cláusula, estabelecendo, assim, uma relação circunstancial. A noção de combinação de cláusulas, tal como propõe os estudos funcionalistas, permite que se aplique a noção de circunstância para além das orações chamadas tradicionalmente subordinadas adverbiais, estendendo-a as orações adjetivas explicativas e, até mesmo, às coordenadas assindéticas da GT. Partindo do conceito de unidade informacional, tal como postulado por Chafe (1980), verificaram-se, no *corpus* Roteiro de Cinema, ocorrências de orações adverbiais e adjetivas explicativas que se materializam linguisticamente na modalidade escrita do português do Brasil (PB) como estruturas de *desgarramento*, constituindo, por si mesmas, unidades de informação à parte. As cláusulas hipotáticas foram coletadas de filmes do *site* www.roteirodecinema.com.br, que disponibiliza, desde 2003, mais de 380 roteiros de inúmeros filmes nacionais na íntegra, já produzidos ou inéditos. Além dos pressupostos teóricos do Funcionalismo encontrados nos trabalhos de Chafe (1980), Decat (2011) e Moura Neves (2003), utilizam-se, ainda, os princípios da Fonologia Entoacional, encontrados em Pierrehumbert (1980), e da Fonologia Prosódica, encontrados em Nespor e Vogel (1994). Nossa hipótese, então, é a de que há uma marca de ruptura que caracteriza as *desgarradas*, ainda não estudadas com relação a esse aspecto no PB. A análise instrumental será realizada no programa computacional PRAAT, a fim de que se verifique o comportamento dos parâmetros prosódicos em toda a extensão dos sintagmas entoacionais (I) dos quais as cláusulas fazem parte. Em termos prosódicos, podemos dizer que uma *unidade de informação* constitui um sintagma entoacional (I) e que esse constituinte prosódico pode ser percebido pela entoação, pausa ou hesitação. Assim asseveram Nespor e Vogel (1994, p. 218), ao afirmar que a formulação da regra de formação de I está baseada nas noções de que ele é o âmbito de um contorno entoacional e que os finais de I coincidem com as posições em que se podem introduzir pausas em uma oração, e Serra (2009) que, em seus estudos sobre fronteiras prosódicas no PB, afirma que a pausa de fato é o principal indicador de

fronteira I, apesar de o alongamento silábico e a variação de F0 também se mostrarem relevantes.

ESTRUTURAS DESGARRADAS EM REDAÇÕES ESCOLARES

Ana Carolina Mrad De Moura Valente
anacmrad@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

No que diz respeito ao período composto, que é o objeto de estudo deste trabalho, as gramáticas tradicionais estabelecem uma dicotomia: subordinação e coordenação. Na abordagem funcionalista, essa dicotomia se desfaz, na medida em que os autores passam a questionar essa diferenciação no que diz respeito à dependência ou independência sintática. Matthiessen e Thompson (1988) propõem um *continuum* que leva em consideração os diferentes graus de dependência e encaixamento partindo da noção de gramaticalização. A partir dessa abordagem, a dicotomia antes apresentada cede lugar às noções de parataxe, hipotaxe e subordinação. Segundo essa visão, a parataxe englobaria os casos em que não há dependência semântica e encaixamento; a hipotaxe abrangeria aqueles que apresentam dependência semântica, mas não encaixamento; e a subordinação de fato ficaria com os casos em que a dependência semântica e o encaixamento possuem grau máximo. No entanto, as classificações das orações ainda extrapolam essas questões a partir da nova abordagem referente às orações “desgarradas”. Segundo Decat (1996), criadora do termo, as orações desgarradas seriam aquelas que ainda mantêm uma relação de dependência a outra, mas são concretizadas como orações independentes. De acordo com ela, questões como pausa, entonação e a tendência às orações simples seriam os motivos para tal ocorrência. Sendo assim, levando em consideração os recentes estudos sobre desgarramento e as poucas abordagens sobre o tema, acreditamos ser interessante escanear de maneira um pouco mais aprofundada os casos em que tal fenômeno ocorre. O presente trabalho tem por objetivo analisar as estruturas desgarradas em língua portuguesa a partir de um *corpus* constituído por 240 redações escolares de alunos do Ensino Fundamental. Para isso, busca-se fazer um breve apanhado teórico no que diz respeito ao fenômeno abordado neste trabalho a fim de contextualizá-lo e desenvolver uma análise preliminar centrada nas suas múltiplas formas de materialização e baseada nos estudos já existentes sobre o tema. Nesse sentido, o trabalho aborda todos os casos em que o desgarramento pode ocorrer – com base no que já se tem em relação ao tema, demonstrando que se trata de um fenômeno amplamente utilizado pelos falantes da língua e não apenas casos de exceção como apontam alguns gramáticos tradicionais. Vale salientar, porém, que não haverá um aprofundamento em nenhum dos casos, pois este não é o objetivo do trabalho e sim mostrar como, em que contexto e porque tais estruturas aparecem no uso da língua. A metodologia utilizada foi a coleta de dados a partir de redações escolares de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular do Rio de Janeiro e a consequente análise dos exemplos encontrados. Como aporte teórico, o fenômeno em questão será analisado de acordo com o Funcionalismo, devido ao fato de esta corrente priorizar o uso nos estudos linguísticos. Os resultados encontrados confirmaram a

presença constante desse tipo de estrutura em textos escritos, comprovando a tese inicial.

A HIPOTAXE ADVERBIAL: CONFIGURAÇÕES NÃO PROTOTÍPCAS E DESAFIOS PARA O ENSINO

Ana Lima
jalaraujolima@uol.com.br
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Ancoradas em estudos funcionalistas (HALLIDAY, 1985; MATHIESSEN e THOMPSON, 1988; DIK, 1989; HENGEVELD, 1989; NEVES, 2000), as reflexões feitas neste trabalho detêm-se na ‘hipotaxe adverbial’, que se configura prototipicamente como uma construção binária, formada por uma oração nuclear (ou matriz) à qual se acrescenta um satélite, cuja função principal é a de *encarecimento* (qualificação), pela atribuição de dados circunstanciais. Além dessa configuração prototípica, entretanto, há comprovação empírica de que ocorrem, com bastante frequência, em usos orais e escritos da língua, diversas configurações não prototípicas, que são negligenciadas nos estudos feitos na escola. Os dados aqui apresentados e discutidos integram investigação mais ampla acerca das construções adverbiais (LIMA, 2002; 2004; 2014). O que se pretende, no recorte feito neste estudo, é ratificar a insuficiência do enfoque tradicional no tratamento da articulação de orações, chamar a atenção para a ocorrência de configurações não prototípicas e apontar desafios para o ensino desse tópico, na Educação Básica. Em sua maioria, os exemplos deste estudo foram coletados do acervo sonoro do Projeto NURC, sendo representativos, portanto, da conversação informal face a face. Nesse gênero (mas não exclusivamente), construções hipotáticas adverbiais podem apresentar-se em variadas configurações gramaticais, a exemplo de: em um mesmo contorno entonacional, ou em contornos entonacionais separados (na forma de adendos (ou *afterthoughts*), fenômeno referido como ‘desgarramento’, por Decat (1993; 1999)); explicitadas ou não por um elemento conectivo formal; constituídas por uma das chamadas ‘formas nominais’; com satélite anteposto ou posposto à oração nuclear; enunciadas por um único enunciador ou em coautoria; desprovidas de oração nuclear (LIMA, 2004); e encadeadas (na forma de ‘satélites de satélites’, segundo Lima (2002)). Algumas dessas variadas possibilidades de configuração das construções hipotáticas adverbiais comprovam que é possível alterar o estatuto da oração hipotática, que ganha relevância informacional e interacional. Assim, indo de encontro à visão tradicional – na qual os valores semânticos são dados como preexistentes à interação, os dados aqui analisados evidenciam que a “bagagem semântica” resultante do inter-relacionamento entre um núcleo e um satélite adverbial não existe *a priori*, mas emerge na própria situação interativa (e a partir dela), quando falante e ouvinte constroem conjuntamente o texto conversacional. A análise apontou, ainda, para o fato de que a opção pelo emprego de uma certa configuração da construção adverbial cumpre a função de atender aos propósitos comunicativos do falante, propósitos esses que surgem no curso da conversação. Fica, então, evidenciado que é na interação, afinal, que se encontram as

motivações para a ocorrência das construções adverbiais e para a seleção de uma de suas variadas configurações. As conclusões corroboram o pressuposto funcionalista de que os modos pelos quais o falante combina suas orações não são governados prioritariamente pelo sistema rígido da língua, mas se situam no campo das escolhas, fazendo parte da “competência comunicativa” do falante. Um estudo escolar que pretenda desenvolver essa competência nos aprendizes não deve prescindir de ampliar as reflexões, ultrapassando a visão restrita de que a hipotaxe adverbial se manifesta em apenas uma configuração gramatical.

A ABORDAGEM SOBRE ADVERBIAIS MODALIZADORES EM LIVROS DIDÁTICOS DE ENSINO MÉDIO

Dennis da Silva Castanheira
denniscastanheira@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/CAPES)

Esta apresentação de trabalho insere-se num projeto de mestrado mais amplo denominado “Uso de adverbiais modalizadores e sua abordagem em livros didáticos de ensino médio: reflexões e propostas de atividades”, desenvolvido atualmente na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nosso objetivo geral é discutir a abordagem dos livros didáticos de ensino médio aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático de 2015 a partir de duas teorias que se baseiam em contextos reais de comunicação: Linguística do Texto (LT) e funcionalismo norte-americano. Apesar das especificidades, essas duas linhas teóricas têm como características basear no uso linguístico a partir de análises sociocognitivas e interacionais. O objeto de estudo da LT são textos em sentido amplo (gêneros orais, escritos e multimodais), o que engloba fenômenos como referência, retextualização e articulação textual (KOCH, [2004] 2015; MARCUSCHI, 2008). O funcionalismo norte-americano investiga o uso linguístico a partir de aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos (GIVÓN, 1995) por meio de pressupostos, como marcação, iconicidade, planos discursivos e subjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2002; FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003). Nossa análise, de cunho qualitativo, é pautada: no processo de articulação textual a partir da noção defendida por Koch (2003; [2004] 2015; [2008] 2014) de que os adverbiais modalizadores têm essa função no texto; nos efeitos de sentido vinculados pelos modalizadores, como a subjetividade. Para isso, metodologicamente, optamos por uma análise panorâmica dos livros aprovados pelo PNLD 2015, totalizando 12 livros escolhidos aleatoriamente e analisados em sua totalidade. A hipótese destacada para essa comunicação é a seguinte: (a) os modalizadores serão elencados, como articuladores textuais, predominantemente ligados a textos eminentemente argumentativos. Nossos resultados demonstraram que a maior parte dos livros didáticos analisados apresentam, de fato, os adverbiais modalizadores como construtores de textos com tipologia textual eminentemente argumentativa, mas o fazem em capítulos que não focalizam essencialmente a argumentação. Assim, há exercícios e discussões em capítulos pouco ligados ao tema, o que ocorre, ainda, de forma descontextualizada. Além disso, não há, na maior parte dos livros, menção alguma ao tema em capítulos sobre gêneros, como artigo de opinião e editorial. Outra problemática constatada foi que

poucos livros abordam os advérbios modalizadores, mesmo sem ligação com textos argumentativos.

A ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES POR MEIO DE MECANISMOS DE CONTRAEXPECTATIVA EM CRÔNICAS DE RUBEM BRAGA

Camila de Oliveira Groppo Lourenço Lima
kmilinhagrosso@msn.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

O presente trabalho analisa a articulação de orações adversativas e concessivas por meio de mecanismos de oposição que exprimem ideia de contraexpectativa, à luz da Macrossintaxe Argumentativa de Ducrot e do estudo semiolinguístico das relações lógicas proposto por Charaudeau, a partir de um *corpus* composto por duas crônicas escritas por Rubem Braga. No *corpus* selecionado, verifica-se o emprego conector *mas*, observando a diferença entre o *mas SN*, operador lógico, cujo valor semântico é o de retificação, e o *mas PA*, operador argumentativo. Investiga-se, também, o emprego do conector *embora*, a fim de diferenciar a argumentação concessiva e a adversativa a partir da observação da utilização de estratégias de antecipação e de suspense. Além disso, é feita a investigação de tais mecanismos de contraexpectativa a partir da relação lógica de restrição proposta por Charaudeau. Como resultado, constatou-se, inicialmente, que os conectores os quais marcam uma ideia de contraexpectativa, em especial o *mas*, foram utilizados não só na articulação de orações dentro de um mesmo período, mas também na articulação entre períodos e parágrafos distintos. Encontramos o predomínio de casos em que a articulação dos enunciados se deu por meio do conector *mas*, em detrimento da utilização de seus correlatos, visto que se verificou apenas uma ocorrência do conector *entretanto*. Entre as ocorrências do conector *mas*, verificaram-se casos de *masPA* e casos de *masSN*. Foi detectado apenas 1 caso do conector *embora*. Esse dado permite concluir que, no *corpus* analisado, a contraexpectativa adversativa se sobrepõe, numericamente, à contraexpectativa concessiva. Os dados levantados sugerem que o *embora*, para expressar contraexpectativa, é argumentativamente mais fraco que o *mas*. Ademais, foi possível constatar que, nas crônicas de Rubem Braga, a estratégia de relação que prevalece é a de *suspense*, e não a de *antecipação*.

UMA ABORDAGEM SEMIOLINGUÍSTICA DO COMPORTAMENTO DO CONECTIVO “E” NA CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO

Anabel Medeiros Azerêdo de Paula
anabel.azeredo@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Rafael Guimarães Nogueira
rafael_letras@hotmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Esta pesquisa consiste na análise sintático-semântica e discursiva do conectivo “e” em um artigo de opinião, gênero essencialmente argumentativo. Segundo a Análise Semi linguística do Discurso, compreende-se a *argumentação* como o processo de influência sobre o interlocutor por meio da estruturação de um raciocínio lógico e verossímil orientado pela defesa de um ponto de vista (CHARAUDEAU, 2008). Para, então, construir um ponto de vista racional sobre o mundo, o sujeito manipula diferentes recursos linguístico-discursivos – dentre os quais se destacam os *operadores argumentativos*, isto é, conectores intra e interfrásticos que indicam o sentido e a força argumentativa de um enunciado (DUCROT, 1989). No que se refere, especificamente, ao “e”, verifica-se que, na tradição gramatical, essa conjunção é classificada como o operador prototípico da coordenação aditiva, tendo como características funcionais, no nível sintagmático, a expansão estrutural de termos e, no nível oracional, a conexão/soma de orações independentes sintaticamente. Em trabalhos mais recentes, no entanto, o conectivo “e”, dada a sua amplitude de empregos e de sentidos, é concebido como um *conector coringa* (MONNERAT, 2003), cujo valor sintático-semântico e discursivo ultrapassa a mera “adição” de ideias. Nessa perspectiva, o objetivo central deste trabalho é investigar como, em um artigo de opinião de grande impacto na opinião pública (o texto *Professor ganha mal?*, escrito pelo jornalista Claudio de Moura Castro e publicado na revista *Veja*), o comportamento do conector “e” pode não só estabelecer a coordenação de termos, de intratermos e de orações como também contribuir para a construção da argumentação. A fim de analisar, qualitativamente, esse mecanismo coesivo-argumentativo, recorre-se, em primeiro lugar, ao conceito de *ambiguidade pragmática* (HORN, 1985), explicitando a possibilidade de múltiplas interpretações de um mesmo enunciado. Em seguida, examina-se como o uso do operador “e” atua na estruturação do modo de organização argumentativo do discurso. Desse modo, esta pesquisa visa sublinhar a multiplicidade das relações sintático-semânticas e discursivas que, num dispositivo argumentativo, podem ser estruturadas a partir do conectivo “e”.

Grupo de Pesquisa
CCO - Conectivos e Conexão de Orações



Acesse nossa blogue

<https://uffcco.wordpress.com>

Entre em contato conosco

uff.cco@gmail.com

Agradecemos sua participação